



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

MAGNA DÁVILA COSTA DA SILVA

**AMOSTRA DA REALIDADE DO USO DO ESPAÇO FÍSICO NA EDUCAÇÃO
INFANTIL NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA, CE.**

FORTALEZA

2015

MAGNA DÁVILA COSTA DA SILVA

AMOSTRA DA REALIDADE DO USO DO ESPAÇO FÍSICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA, CE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.
Orientadora: Profa. Ms. Maria Inair Martins Leite.

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

S581a Silva, Magna Dávila Costa da
Amostra da realidade do uso do espaço físico na educação infantil no município de Caucaia-CE / Magna Dávila Costa da Silva. – 2015
64 f. : il.; 30 cm.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Especialização em docência na educação infantil, 2015.
Orientação: Profa. Ms. Maria Inair MartinsLeite.

1. Educação infantil I. Título.

CDD 370

MAGNA DÁVILA COSTA DA SILVA

AMOSTRA DA REALIDADE DO USO DO ESPAÇO FÍSICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA, CE.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Aprovada em: _____.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Maria Inair Martins Leite (Orientadora)
Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF)

Ms. Ticiania Santiago de Sá Russo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Rosimeire Costa de Andrade Cruz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho às crianças que fazem parte da Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Este é um espaço fundamental para demonstrarmos meu agradecimento a todos que fizeram parte desta caminhada.

Primeiramente aos meus pais, Ritinha e José, que sempre me encorajaram e me ensinaram a buscar o melhor para minha vida. Em seguida, aos meus irmãos, que sempre acreditaram na minha capacidade e estimulam-me a nunca desistir dos meus ideais. Ao Fábio Lobo, meu companheiro, sempre paciente comigo, que me ajudou muito, apoiou-me em todos os momentos e suportou todo o meu choro incontido. À Dee, meu anjo da guarda, sempre presente e disposta a ajudar e a oferecer momentos de encorajamento para eu continuar nos meus estudos. Ao Pedro Manoel, meu irmão e amigo, que gentilmente se propôs a revisar meu trabalho. Ao Marcelo Maia, por suas palavras de confiança e gestos de apoio. Ao Oscar Dalva, por seus esforços para me ajudar a caminhar nos caminhos da estatística. A Deus, por fortalecer meu espírito de serenidade para poder alcançar meus objetivos.

Agradeço às minhas amigas do curso de especialização – Williane, Rejane, Rafaelly, Mirian, Iracema, Magá, Virgínia e Shirley – pela boa companhia no decorrer do curso, pelos momentos agradáveis e felizes e por compartilhar momentos de dúvidas e de belas descobertas.

Aos meus professores do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal do Ceará, que foram maravilhosos e oportunizaram ricos momentos de aprendizagem que fortaleceram minhas práticas pedagógicas. À minha orientadora, Maria Inair Martins Leite, pelos gratos momentos de conhecimentos adquiridos e que tanto contribuiu com o meu estudo. À coordenação do curso da especialização, por saber nos ouvir e estar disposta a nos ajudar.

A todos os profissionais do Município de Caucaia que gentilmente contribuíram com minha pesquisa, em especial à Ana Mara, coordenadora geral da Educação Infantil do Município de Caucaia, que me ofereceu dados importantes para compor minha pesquisa.

O espaço é o elemento material pelo qual a criança experimenta o calor, o frio, a luz, a cor, o som e, em uma medida, a segurança [...] é em um espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e, ao fazê-lo, esse espaço material se qualifica.

(LIMA, 1989).

RESUMO

O espaço físico utilizado pela Educação Infantil deve ser visto como sendo um lugar significativo para o processo de desenvolvimento integral da criança, pois é um recurso rico e estimulante a ser utilizado pelos profissionais, como um elemento educador que lhes possibilita desenvolver um trabalho mais criativo e dinâmico, valorizando a interação entre as crianças e destas com outras pessoas, respeitando os ritmos e necessidades de cada criança que se encontra inserida nesse espaço, o qual deve estar devidamente preparado para complementar o processo de desenvolvimento infantil. A base teórica deste trabalho reside no arcabouço do sociointeracionismo e os principais autores citados foram: Horn (2004), Forneiro (1998), Zabalza (1998), Galvão (1995), Zilma (2010), Kuhlmann JR (1998), entre outros. O presente trabalho procura analisar a percepção dos professores da Educação Infantil do município de Caucaia a respeito da utilização do espaço físico da pré-escola. Foram utilizadas duas técnicas que auxiliaram na coleta de dados: a observação e o questionário. A observação aconteceu em uma escola de Educação Infantil localizada no bairro chamado Metrópole, situado no distrito da Jurema em Caucaia/CE, onde, durante dez dias, foram acompanhadas as atividades de uma sala do infantil V, observando as formas que a profissional utilizava os espaços físicos da escola com as crianças, analisando as atividades que aconteciam nesses espaços, como esses momentos de uso do espaço estavam planejados e que compreensão o professor tinha a respeito da organização do espaço e de sua utilização. A aplicação de questionários foi feita com os profissionais que desenvolvem atividades com turmas do Infantil V do município de Caucaia e aconteceu durante um evento de formação de professores, realizado pela Secretaria de Educação municipal. Foram aplicados trinta e dois questionários entre profissionais que atuam nas seis Regiões Escolares, com a seguinte distribuição: Jurema – oito questionários, Sede – cinco questionários, Praia – quatro questionários, BR 020 – cinco questionários, BR222 – seis questionários, e Garrote – quatro questionários. O resultado da pesquisa indica que os espaços disponíveis para a realização das atividades com as crianças são considerados, na maioria dos casos, como pequenos e desconfortáveis. Percebe-se que há falta de conhecimento, por parte dos profissionais, da importância em se utilizar adequadamente os espaços disponíveis para a realização das atividades com as crianças.

Palavras-chave: Organização do espaço. Educação infantil. Prática do professor.

ABSTRACT

The physical space used by early childhood education should be seen as a significant place for integral development process of the child, it is a rich and stimulating resource to be used by professionals as an educator element that enables the develop a more creative work and dynamic, emphasizing the interaction between children and those with other people, respecting the rhythms and needs of each child is inserted in this space, which must be properly prepared to complement the development of children. The theoretical basis of this work lies in the 'sociointeracionismo' framework and the main authors cited were: Horn (2004), Forneiro (1998), Zabalza (1998), Galvão (1995), Zilma (2010), Kuhlmann JR (1998), among others. This paper analyzes the perception of Early Childhood Education teachers in the municipality of Caucaia City about the use of pre-school physical space. We used two techniques that helped in data collection: observation and questionnaire. The observation took place in a school of Early Childhood Education located in the neighborhood called 'Metropolis', located in the region of 'Jurema' in Caucaia, where, for ten days, the activities of a 'Infantil V' room were followed by observing the ways that professional used the school physical spaces with children, analyzing the activities taking place in these areas, as these moments were planned use of space and understanding the teacher had about the organization of space and its use. The questionnaires was made with professionals who engage with groups of 'Infantil V' of the municipality of Caucaia and took place over a teacher training event, held by the Department of Municipal Education. Thirty-two questionnaires were applied between professionals working in the six Regions School, with the following distribution: Jurema - eight questionnaires, Headquarters - five questionnaires, Beach - Four questionnaires, 020 BR - five questionnaires, BR222 - six questionnaires, and Garrote - Four questionnaires. The research result shows that the spaces available to carry out the activities with the children are treated in most cases as small and uncomfortable. It is noticed that there is a lack of knowledge on the part of professionals, the importance of the convenient use the spaces available to carry out the activities with the children.

Key Words: Organization of space. Children's education. Teacher practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. O ESPAÇO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	14
2.1 A importância do espaço físico no desenvolvimento da criança	19
2.2 A organização do espaço físico na perspectiva da Educação Infantil	22
2.2 O papel do professor na organização do espaço	25
3. METODOLOGIA	28
4. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO DA ESCOLA EM CAUCAIA – OBSERVAÇÕES DE CAMPO	32
4.1 A prática pedagógica na utilização do espaço físico da Educação Infantil.....	39
4.2 Questionários aplicados: uma fotografia das turmas em Caucaia	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO.....	59
ANEXO A – TABELA DE MATRÍCULAS.....	61
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE REVISÃO.....	62

1. INTRODUÇÃO

A concepção de criança vem mudando ao longo dos anos e, com isso, a educação infantil também passa por transformações, pois busca compreender e investigar melhor as necessidades que são imprescindíveis para o seu desenvolvimento. Nesse contexto, o espaço também assume um papel importante e pode ser compreendido como mais um elemento social e educador que possibilita à criança desenvolver-se de forma integral (MACHADO, 2010).

Para o caso das escolas de Educação Infantil públicas, mais especificamente no município de Caucaia, estado do Ceará, alguns questionamentos podem ser apontados: Existiriam espaços físicos apropriados para a criança brincar e se desenvolver? Há espaços físicos para os professores terem boas ações educativas com as crianças? Os professores compreendem a relevância da utilização desses espaços no aprendizado das crianças?

Esses questionamentos surgiram a partir da minha experiência como professora de Educação Infantil no Município de Caucaia, quando percebi a deficiência quanto ao espaço físico proporcionado às crianças.

Sendo a criança um ser histórico e culturalmente contextualizado (GALVÃO, 1995), a escola de Educação Infantil deverá oferecer-lhe um espaço diversificado, estimulante, que propicie a interação entre as crianças, bem como delas com os adultos. Essa troca de experiências e o contato com outras culturas engrandecem cada vez mais o processo integral da criança e facilita a compreensão dela a respeito do mundo no qual ela está inserida.

No entanto, o que se percebe é que o espaço físico nem sempre é aproveitado adequadamente nas escolas de Educação Infantil, pois há falta de qualidade na organização do espaço para as atividades com as crianças, onde, muitas vezes, além de faltar mobília e material pedagógico, não se percebe um bom planejamento do uso desse espaço de forma que permita o movimento e a interação entre as crianças.

Trabalhei numa instituição de ensino que funcionava em uma casa de pequenos cômodos. Cada cômodo era transformado em uma sala. Esses espaços eram pequenos, mal iluminados, com pouca ventilação. Não havia higienização adequada das salas e banheiros, faltavam mobília e material pedagógico. As paredes eram pintadas com cores fortes. As salas eram totalmente preenchidas por mesas e cadeiras, que dificultavam o movimento das crianças e limitavam suas possibilidades de aprendizado. Tais fatores dificultavam às crianças adquirir mais experiências e trocar ideias com os parceiros.

O único espaço nesse ambiente de Educação Infantil que oferecia oportunidade de movimento às crianças e interação umas com as outras era o quintal dessa residência,

descoberto e bastante quente. Nele havia um brinquedo giratório, que ocupava praticamente todo o espaço e que, para brincar, as crianças tinham que esperar, pois o brinquedo só comportava seis crianças de cada vez.

Outro aspecto observado na minha vivência durante alguns anos nesse município foi a priorização do Ensino Fundamental I, em detrimento dos espaços oferecidos para a Educação Infantil. Percebi que o Ensino Fundamental I ocupava todos os espaços físicos da instituição de ensino com projetos e programas destinados às atividades físicas e de letramento, em um espaço ainda insuficiente. Com isso, também acabavam ocupando o pátio com cadeiras e materiais destinados às atividades do Ensino Fundamental I, deixando a criança que está inserida naquele ambiente de Educação Infantil impossibilitada de trocar experiências com outras pessoas e de contato com outros ambientes que proporcionariam novas descobertas e importantes momentos de integração.

O espaço físico da Educação Infantil é socialmente compartilhado, nele se agrupam crianças de várias crenças e valores adquiridos em seu ambiente familiar e que encontram, nesse espaço educacional, a oportunidade de trocar experiências e vivências, além de desenvolver sua autonomia. Mas estaria este espaço preparado e adequado para o desenvolvimento integral das crianças?

Para a construção de uma resposta a esta pergunta, pode-se tirar partido de como a legislação brasileira trata do assunto. O embasamento jurídico da Educação Infantil começa a partir da Constituição de 1988, quando as creches e pré-escolas foram incluídas no sistema de ensino pelo Inciso IV do Artigo 208 (BRASIL, 2012).

Já a Lei 9.394, de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) –, marco regulatório da educação brasileira, trata da Educação Infantil, Seção II, artigo 29, em que a descreve como a primeira etapa da educação básica e “[...] tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 2010b, p. 25). Por sua vez, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil propõem que “As práticas pedagógicas da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira.” (BRASIL, 2010c, p. 25). Esses elementos norteadores são fundamentais para o processo de entendimento, por parte dos educadores, de que as ações com as crianças devem permitir as interações e brincadeiras, pois auxiliam no processo de desenvolvimento da criança.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, “Práticas Pedagógicas da Educação Infantil”, salienta que tais práticas “[...] promovam o conhecimento de si e do

mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação, ampla expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.” (BRASIL, 2010c, p. 25).

Assim, as práticas pedagógicas se prestam ao desenvolvimento das crianças, dando-lhes a oportunidade de experimentar novos conhecimentos, e devem estar de acordo com as necessidades e ritmo que cada criança apresenta.

Ainda no mesmo Capítulo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil indicam que as práticas pedagógicas devem incentivar “[...] a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza.” (BRASIL, 2010c, p. 26).

Todos esses elementos apresentados são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança, tornando-se necessária a busca de uma prática pedagógica rica e com embasamentos teóricos para complementar o conhecimento acerca das necessidades das crianças.

Para as “Orientações Curriculares para a Educação Infantil”, o

[...] desenvolvimento da criança é um processo conjunto, ou seja, feito em parceria com outros seres humanos, e ocorre em diferentes contextos sociais, ao logo de sua experiência nas práticas culturais de sua comunidade, assim como as práticas criadas nas instituições educacionais. E essas situações podem ser muito diversificadas, pode-se dizer que há diferentes infâncias. (CEARÁ, 2011, p. 18).

O documento destaca, ainda, a importância da organização do espaço, suas formas, funções e qualidades sensoriais, como aspectos envolvidos no desenvolvimento da criança.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei Nacional N°8.069/1990 –, apresenta no Artigo 3° que

[...] a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade. (BRASIL, 2010a, p. 12).

Diante do Estatuto da Criança e do Adolescente, pode se afirmar que os espaços para o desenvolvimento das atividades educacionais devem facilitar e permitir o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes.

Percebe-se, portanto que tais arcabouços legais apresentam a qualificação do espaço como um ponto importante a ser considerado nas práticas pedagógicas da Educação

Infantil, procurando estabelecer um melhor desenvolvimento da criança integrada a sua realidade social, ambiental e espacial.

A junção das considerações legais com a minha experiência pessoal como professora leva a uma discussão mais aprofundada sobre a utilização do espaço físico nas atividades da educação infantil, em especial na realidade das escolas de Educação Infantil de Caucaia.

Tendo em vista que o espaço promove a interação e estimula a imaginação como elemento ativo no processo de desenvolvimento infantil, o presente trabalho tem o intuito de compreender uma trajetória de informações e dados acerca de como é organizado o espaço físico da Educação Infantil e como os professores organizam suas salas de atividades, de forma a identificar se existe a participação das crianças, se os professores utilizam outros espaços físicos disponíveis e se existe a compreensão de se criar ambientes propícios para o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

A discussão sobre o espaço físico da Educação Infantil ganha importância tanto na legislação específica como nos estudos acadêmicos. Essa temática é recorrente em alguns pesquisadores, sob enfoques diversos, tais como Motta (2012), que aborda a importância do espaço na educação infantil; Martins (2010) destaca a importância de escutar a criança sobre o que ela pensa a respeito do espaço oferecido na Escola de Educação Infantil que ela frequenta e compreender os significados e sentidos que a criança delega ao uso do espaço; Cassimiro (2012) discute o espaço sob o olhar da criança.

Moura (2009) registra que uma das principais conquistas das lutas por uma melhor qualidade em Educação Infantil está na construção de leis que visam melhor pensá-la e organizá-la. Segundo esta autora, a Educação Infantil não muda de um dia para o outro. Para ela, buscar a qualidade na Educação Infantil é um grande desafio tanto para a gestão como para a qualidade da relação que existe entre a escola e a comunidade, bem como a construção de um currículo que favoreça as necessidades da criança em prol do seu desenvolvimento. Com isso, a pesquisadora buscou enfatizar a importância da qualidade da organização do espaço na Educação Infantil e que essa organização não deve ser negligenciada, pois, segundo ela, o espaço educa e cria efeitos positivos na aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Tussi (2011) discute o que os documentos legais trazem e a realidade institucional. Ele procurou investigar como esses espaços estão organizados e planejados para proporcionar um melhor desenvolvimento infantil. Vieira (2009) fez um estudo sobre a Teoria Histórico-Cultural e sobre os critérios específicos para organização espacial de creches e pré-escolas. Por meio desses levantamentos teóricos, a pesquisadora constatou que o homem é um ser social e,

em contato com a cultura, vai se constituindo como um ser que faz parte de um contexto com seus hábitos, valores e costumes, e que encontra no espaço da Educação Infantil acesso importante à cultura e outras atividades que despertem o interesse da criança e que seriam fundamentais para o desenvolvimento infantil. Com isso, a autora procurou identificar como a organização do espaço interfere no desenvolvimento humano das crianças, favorecendo cooperação e a cordialidade.

Todos esses estudos apontam o papel do espaço físico para o processo de desenvolvimento da criança, o que mostra a importância do tema em questão.

A estrutura do trabalho está dividida em cinco capítulos, iniciando por este capítulo introdutório. Já o segundo capítulo trata sobre o espaço físico e o desenvolvimento da criança, incluindo subcapítulos que tratam do embasamento teórico: “A importância do espaço físico no desenvolvimento da criança”, “A organização do espaço físico na perspectiva da Educação Infantil” e “O papel do professor na organização do espaço físico”. O terceiro capítulo apresenta a proposta metodológica que foi usada na coleta de informações durante a pesquisa, enquanto o quarto capítulo apresenta os resultados obtidos na pesquisa. O quinto e último capítulo trata das considerações finais mostrando os resultados das análises durante a pesquisa.

Pretendo, com este trabalho, oferecer subsídios para a reflexão das professoras acerca da importância da utilização do espaço para as interações no desenvolvimento das crianças, pois, segundo Zabalza (1998), a criança é o sujeito da educação e o espaço é o terceiro educador, devendo proporcionar autonomia e educação integral.

2. O ESPAÇO E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Para a criança, o espaço é o que sente o que vê o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir olhar ler, pensar.
(Enrico Battini, 1982)

A concepção de criança vem mudando ao longo dos anos e, conseqüentemente, a maneira de educá-la também passa por transformações, tanto no espaço familiar, como no ambiente escolar. Galvão (1995) comenta que a interpretação walloniana de criança refere-se a um ser ativo, que participa da vida em sociedade, está envolvido num ambiente cultural e faz parte de uma história. Esse envolvimento permite à criança retirar de suas interações cotidianas com os outros e com seu ambiente próximo, os recursos necessários para o seu desenvolvimento.

Kuhlmann Jr. (1998) afirma que existem diferentes infâncias, que variam ao longo do tempo e do espaço. Partindo dessa constatação, pode-se afirmar que há uma variedade de concepções de infância, dependendo da sociedade em que se esteja inserida a criança, da época e do local em que se tenha nascido. Disso se entende que a percepção e a forma de lidar com as crianças mudam no espaço e no tempo e assumem as características de cada contexto social. A forma como as crianças são educadas na sociedade indiana, por exemplo, pode não ser a mesma adotada no contexto brasileiro. Da mesma forma, dentro de um mesmo país, existem diferenças culturais, econômicas e políticas que interferem no processo de educação das crianças e na percepção que cada sociedade constrói sobre o ser criança.

Ainda de acordo com o mesmo autor, as crianças participam das relações sociais desde o nascimento, agregando e interagindo com os valores e comportamentos dos espaços e sociedades nos quais elas convivem junto com suas famílias. Pode-se dizer, então, que cada criança está inserida em uma determinada sociedade, com determinados valores, visões de mundo, e que sua infância está intimamente relacionada a esse universo social e cultural.

Exemplo disso são as crianças da classe média brasileira. Atualmente, pode-se observar que elas estão cada vez mais confinadas a espaços fechados, com atividades dirigidas e orientadas. Passam boa parte do tempo em casa, na creche, na escola, no shopping, na academia, no clube. Há cerca de trinta anos, as crianças viviam mais intensamente em espaços abertos, como ruas, praças e parques, brincando de bola, de roda, de corrida. Elas não disputavam esses espaços com a grande quantidade de carros e os altos índices de violência atuais, o que faz com que as famílias procurem protegê-las cada vez mais. Se fosse avaliado

outro grupo de crianças, de outras classes sociais, que tenham acesso a diferentes recursos, certamente se observaria outras realidades de infância. À medida que o tempo passa, as histórias vão sendo modificadas para acompanhar a realidade de cada contexto social.

O estudo sobre as mudanças de concepção de criança e infância no desenvolver histórico seria um importante aliado para se avaliar como as diversas sociedades, nas diferentes épocas, perceberam e se apropriaram dos conceitos associados a essa concepção.

Kuhlmann Jr. (1998, p. 30) presta uma importante contribuição a essa tarefa, sistematizando um conjunto bibliográfico de pesquisas acerca do tema, que aponta para o fato de que a história da criança, na realidade, é “uma historia contada *sobre* a criança”, pois “a criança não escreve sua própria história”. Esse fato indica que os registros históricos a respeito das realidades das crianças são reflexos de como a sociedade as entende, indicando como elas são percebidas em um determinado momento e por um determinado grupo social.

Outro autor que provê material do desenrolar histórico a respeito do entendimento de criança e infância é Manuel Pinto (1997). O autor agrupou em seu trabalho várias noções de infância e criança, indicando vasto material histórico que cita, por exemplo, que em determinados momentos da história as crianças seriam consideradas como ‘tabulas rasas’ a serem preenchidas por informações vindas dos adultos, em especial os pais e os mestres, com a finalidade de que as crianças “se tornem cidadãos ativos e civilizados, alfabetizados e racionais” (p.40). Essas ideias são percebidas ainda hoje, tanto em ambientes familiares como educacionais, no entendimento de que a criança deve ser “preenchida” de informações que a tornariam um ser funcional e habilitado para a vida em sociedade.

Os apontamentos de Kuhlmann Jr. e Manuel Pinto indicam que a concepção de infância dos dias atuais, em que a criança é considerada como um ser que faz parte de uma sociedade e é sujeito da construção da história dessa mesma sociedade, começou a ser desenhada no final século XVII e ganhou traços mais evidentes no século XVIII, quando a fase da infância começa a ser percebida como algo separado da fase adulta de uma pessoa. Essa concepção foi resultado das contribuições de três importantes pensadores – Piaget (2007), Vygostsky (2007) e Wallon (GALVÃO, 1995) –, e constitui a base do entendimento sociointeracionista sobre a criança e a infância.

Segundo Felipe (2001), no que concerne à educação infantil, os autores vêm investigando e discutindo, ao longo dos anos, a melhor forma para se compreender as necessidades da criança e do que seria imprescindível no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Ao longo do tempo, as teorias sociointeracionistas tornaram-se clássicas

nessa discussão, registrando a capacidade do ser humano de aprender através do seu envolvimento com o meio. De acordo com essa abordagem, o desenvolvimento infantil é

[...] um processo dinâmico, pois as crianças não são passivas, meras receptoras das informações que estão à sua volta. Através do contato com o seu próprio corpo, com as coisas do seu ambiente, bem como através da interação com outras crianças e adultos, as crianças vão desenvolvendo a capacidade afetiva, a sensibilidade e a autoestima, o raciocínio, o pensamento e a linguagem. A articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento (motor, afetivo e cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada. (FELIPE, 2001, p. 27).

Os três teóricos sociointeracionistas afirmam em seus trabalhos que o processo de desenvolvimento do raciocínio, do pensamento, da linguagem, do aprendizado, das emoções, entre outros, é estimulado por meio das relações sociais que acontecem nos momentos de interações das crianças no contexto cultural e social em que estão inseridas.

Galvão (1995), estudiosa de Wallon, destaca alguns aspectos da teoria proposta por ele, dentre os quais explica que, para que ocorra a evolução na aprendizagem da criança, é necessária a presença de alguns aspectos importantes, como a afetividade, a motricidade e a inteligência.

Ela ainda explica que, segundo a teoria de Wallon, para que aconteça o desenvolvimento da inteligência, é preciso que a criança tenha contato com o meio e com o espaço físico, pois, assim, ela terá a possibilidade de se relacionar com outras pessoas, desenvolver sua linguagem e adquirir contato com outras culturas. Tudo isso será essencial para o seu desenvolvimento integral.

Vale ressaltar, nesse aspecto, a observação de Zabalza (1998), segundo o qual “tudo na educação infantil é influenciado pelos aspectos emocionais: desde o desenvolvimento psicomotor, o intelectual, o social e o cultural”. Esse entendimento sugere uma convicção de que a criança que costumeiramente se encontra num ambiente estimulador do diálogo, com profissionais que demonstram interesse em escutá-la, que a envolve nas atividades, permitindo-lhe vivenciar experiências novas, certamente será mais independente e ativa para a tomada de decisões.

Zabalza parece dialogar com Wallon quando fala sobre os aspectos emocionais, pois, para Wallon, as emoções são iniciadas através das relações que acontecem no meio humano. Com isso, é fundamental se pensar com seriedade a organização do espaço físico da educação infantil, e perceber progressos visíveis no desenvolvimento da criança.

Nesse sentido, ganha relevância pensar, planejar e estruturar a escola de educação infantil, organizar seus espaços físicos para que aconteça a troca de experiências adquiridas no

âmbito cultural, através das interações, permitindo que as necessidades da criança possam ser atendidas.

A Educação Infantil deve oferecer meios e espaços de que a criança necessita para se movimentar, tocar objetos, escutar os sons presentes no ambiente, conversar, correr, brincar com outras crianças para descobrir elementos novos, que são imprescindíveis no processo de construção do seu desenvolvimento.

O espaço de Educação Infantil é um ambiente de interação¹, que precisa ser compreendido como tal. As atividades na biblioteca, no pátio, na quadra, nas salas precisam ser planejadas, os espaços devem ser organizados e os ambientes criados para que essa interação aconteça intencionalmente, permitindo à criança experiências novas e vivenciadas coletivamente. É necessário oferecer vários ambientes dentro do espaço escolar, demonstrando respeito pelas necessidades da criança e tudo deve estar ao seu alcance: os brinquedos, os livros, jogos, fantasias, os materiais devem estar adequados à faixa etária permitindo à criança manuseá-los sozinha.

Vygotsky (2007) defende que o funcionamento psicológico de uma pessoa acontece através das relações sociais, de um contexto histórico, da troca de experiências do indivíduo com o mundo externo. Essas experiências são fornecidas “pelas representações simbólicas”, como a linguagem, que é adquirida por meio da interação da criança com pessoas mais experientes, em determinado ambiente cultural, e que possibilita a compreensão do mundo, pois o indivíduo utiliza-se dessa linguagem para abstrair e construir seu pensamento através da aprendizagem.

Em suas pesquisas, Vygotsky (2007) identificou dois níveis de desenvolvimento, os quais o teórico designou como de “zona de desenvolvimento real”, na qual a criança sente-se segura, pois já aprendeu a desenvolver algumas ações sozinhas, sem o auxílio de outra pessoa, e a “zona de desenvolvimento potencial”, que seria um processo no qual a criança, para realizar algumas atividades, ainda necessita da ajuda de outras crianças ou de adultos. Essa ajuda poderia acontecer através da observação feita pela criança, da interação através de conversas, de intervenções, de possíveis imitações.

Daí a importância deste espaço físico ser qualificado, bem planejado, a fim de oferecer à criança oportunidades para que ela possa se apropriar, com segurança e autonomia, de conhecimentos que ela adquire através dos momentos de interação com um grupo, sozinha,

¹ Na concepção do presente trabalho, diferencia-se ‘ambiente’ e ‘espaço’ na medida em que ‘ambiente’ é representado por elementos e eventos que ocorrem no espaço, enquanto que ‘espaço’ é “um acúmulo de recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal”. (FORNEIRO, 1998).

ou através da observação e contato com a materialidade das coisas (brinquedos, livros, objetos, sucatas, multimídia) presentes no espaço no qual ela vivencia o seu cotidiano. Dessa forma, é possível à criança transitar pela Zona de Desenvolvimento Potencial (ZDP) com propostas desafiadoras que serão úteis para seu aprendizado ficar mais enriquecido.

A organização do espaço físico é fator fundamental para o processo de crescimento pessoal da criança, pois ela necessita de espaço para se movimentar, explorar o mundo a sua volta, conhecer, descobrir, deslocar-se para outros ambientes em busca de satisfazer suas curiosidades, despertando novas aprendizagens. Um espaço físico adequado possibilitará à criança brincar livremente e levantar questionamentos sempre que se sentir instigada a novos desafios. Daí a importância de um espaço estimulante e destinado ao pleno desenvolvimento das potencialidades da criança.

Outro elemento que as análises de Vygotsky (2007) apontam como importante para ampliar a zona de desenvolvimento proximal é o brinquedo, pois a criança utiliza-se desse recurso para assumir um papel que ainda não consegue exercer. O brinquedo é para a criança como uma atividade séria, porque é através da brincadeira que a criança irá fantasiar, criar situações imaginárias e, assim, passar a compreender a realidade da qual ela faz parte. O brinquedo serve para experimentar e explorar sentimentos, emoções, situações cotidianas, auxiliando os desenvolvimentos cognitivo e motor e a formação da própria personalidade da criança.

É por isso a necessidade de dinamizar o espaço físico da educação infantil, criar vários ambientes, com várias funcionalidades, que convidem as crianças a brincar livremente, em contato com a natureza, sentindo a textura das coisas, como areia, pedras, objetos, utilizando também atividades como experiências científicas. O espaço físico deve fazer parte dessa organização e preparo para receber e proporcionar momentos de brincadeira.

Jean Piaget (2007) foca seu trabalho na maneira como se desenvolve o conhecimento. Os estudos de Piaget observaram que, através das interações dos indivíduos com o meio, ou seja, das interações sociais, o conhecimento vai sendo acumulado em diferentes fases, permitindo o agrupamento de indivíduos em grupos, de acordo com faixas etárias. Suas reflexões revelam e reforçam a importância que o espaço assume no processo de desenvolvimento da criança. É na interação com seu ambiente próximo, o espaço no qual e com o qual estabelece interações, que a criança começa a tomar conhecimento do mundo, superando aos poucos a fase do egocentrismo.

A interação com o meio é fundamental para o desenvolvimento do conhecimento, da inteligência, do desenvolvimento da criança de forma integral e demanda um olhar

cuidadoso dos profissionais da educação, no sentido de proporcionar meios e formas de interação que incentivem a criatividade, a percepção de si, do mundo, compreendendo o espaço como elemento indispensável desse processo.

Convém salientar que não é apenas saber compreender a importância da utilização do espaço físico por parte dos professores, pois existem outras variáveis no meio, como a estrutura das escolas de Educação Infantil; os recursos disponíveis; a qualidade desses espaços; a presença ou ausência de espaços físicos que permitam a interação das crianças.

Todos esses elementos podem estimular o professor a buscar novas ideias para inserir no seu trabalho, como também encontrar apoio do grupo gestor, e envolver a participação da família para a caminhada acontecer de maneira mais homogênea. Com isso, o uso do espaço físico irá auxiliar as crianças a passar pelas fases do seu desenvolvimento com elementos mais ricos, que facilitem a construção de conhecimento e o entendimento do mundo a sua volta com mais autonomia.

2.1 A importância do espaço físico no desenvolvimento da criança

Horn (2004) descreve o espaço como dotado de “sabores, cores, sons e, aromas”. Todos esses elementos e mais alguns irão possibilitar à criança desenvolver sua aprendizagem, pois, quando se oferece a ela esses elementos nas coisas e situações que a rodeiam, isso pode suscitar recordações, boas ou ruins, que serão adquiridas através de experiências vivenciadas no dia-a-dia, servindo de subsídios para o seu desenvolvimento.

Seguindo essa linha de pensamento, o espaço de Educação Infantil não é apenas um lugar de trabalho, mas é um “recurso, um instrumento, um parceiro do professor” (HORN, 2004). Ou seja, é importante que os profissionais que desempenham suas funções na Educação Infantil possam construir e amadurecer uma concepção sobre o uso do espaço como um parceiro que auxilia, estimula as relações e dá suporte para organizar e desempenhar as atividades que mediam o aprendizado da criança. Isso implica em permitir que tais espaços contem histórias de acolhimento e aconchego, e não de apatia e desprezo, que podem ser lidas e transcritas nas formas como os materiais são utilizados, como a mobília é disposta e nas possibilidades de interação neles oferecidas.

O espaço infantil torna-se um “ambiente de aprendizado” (FORNEIRO, 1998) quando permite que as crianças participem de experiências grupais, nas quais possam vivenciar momentos de amizade, brincadeiras, oportunidades de observar e se movimentar nos diversos espaços da escola. Essas interações podem ser compartilhadas através de momentos agradáveis

ou não, mas que levem as crianças a lembrarem desses momentos grupais que são imprescindíveis para a construção de novos pensamentos, desejos e tomada de decisões.

Forneiro (1998, p. 241) apresenta o espaço como “[...] um acúmulo de recursos de aprendizagem e desenvolvimento pessoal”. Levando em consideração essa afirmação, percebe-se a importância da organização do espaço infantil, de se criar ambientes enriquecidos para fortalecer o aprendizado da criança. Muitas vezes, na sua própria casa, pode ocorrer que a criança não tenha elementos suficientes, ou até mesmo seus familiares não disponham de tempo ou maiores conhecimentos que a despertem para novas habilidades. Daí, o espaço escolar pode desempenhar um papel indispensável no processo de aprendizado, de tomada de conhecimento do mundo, ampliando o universo de possibilidades de interação das crianças.

Observa-se a importância da escola infantil em preparar seu espaço para proporcionar vivências e elementos que a criança necessita para acumular experiências que sirvam de suporte para seu crescimento pessoal. Um espaço bem aproveitado pode ser considerado matéria-prima para a formação de uma criança que venha a ser mais segura, desinibida e que saiba interagir melhor com o mundo.

Os espaços físicos são ligados aos “lugares e épocas” (CARVALHO; RUBIANO, 2010), que possibilitam às crianças construir suas histórias, pois elas fazem parte de um lugar e o sentem, podendo adquirir e fortalecer seus valores, sentimentos, conhecer outras pessoas. Por isso, é importante que o espaço infantil permita que a criança o conheça e que se aproprie dele para retirar as possíveis transformações para as necessidades que forem surgindo.

Forneiro (1998) chama a atenção para o fato de que o espaço físico da escola é algo vivo e no qual a vida se desenvolve, ou seja, não é um palco desprovido de sentido, ou um elemento vazio. Concorde-se com o pensamento da autora, na medida em que se pode dizer que o espaço utilizado pelas crianças é um organismo vivo, principalmente tratando-se da educação infantil, pois é um ambiente habitado por pessoas de diferentes realidades sociais e que estão interagindo juntamente com todos os elementos presentes naquele espaço, que não são somente paredes ou pisos.

Nessa mesma linha de abordagem Pol e Morales (1982, p. 235) consideram que o “espaço jamais é neutro”. De fato, se o espaço é transmissor de informações, é interessante que essas mensagens sejam realmente significativas para o aprendizado da criança, que apresentem muitas novidades e que permitam à criança uma vivência com entusiasmo a partir das interações.

Observar o espaço utilizado pelas crianças da educação infantil remete à reflexão de que ele está intimamente ligado às relações sociais e às interações que influenciam no desenvolvimento de cada criança. De acordo com Galvão (1995, p. 39),

Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios a cada cultura forma o contexto do desenvolvimento. Conforme as disponibilidades da idade, a criança interage mais fortemente com um ou outro aspecto de seu desenvolvimento, retirando dele os recursos para o seu desenvolvimento.

A necessidade da preparação adequada do espaço infantil traz, na sua essência, a importância e o grande desafio de uma organização que permita a existência de locais com funções múltiplas, seja a sala ou os espaços externos, possibilitando à criança o contato com parceiros que possuem experiências as mais diversas.

Nesse entendimento, o espaço se destaca como sendo mais um educador, o qual permite criar melhores ambientes para facilitar os encontros grupais. Nesse processo, é importante que se perceba a diferença existente entre espaço e ambiente, pois, apesar da estreita relação entre os dois, eles são distintos e cada um possui um direcionamento.

Barbosa (2006) conceitua de uma maneira interessante a diferenciação entre espaço e ambiente. Em um primeiro momento ela explica o seu entendimento de ‘espaço’:

O espaço físico é o lugar do desenvolvimento de múltiplas habilidades e sensações e, a partir da sua riqueza e diversidade, ele desafia permanentemente aqueles que o ocupam. Esse desafio constrói-se pelos símbolos e pelas linguagens que o transformam e o recriam continuamente. (BARBOSA, 2006, p. 120).

Nessa perspectiva, o espaço infantil possibilita a evolução de várias habilidades da criança, bem como um melhor desenvolvimento oral. Esse crescimento passa a ser observado quando se oferecem situações interessantes, criando atividades como situações-problema, experiências científicas, jogos, brincadeiras e outras atividades desafiadoras. Com isso, o espaço cria funcionalidades que permitem o avanço da autonomia, além de fortalecer a integração do grupo.

Entende-se que o ambiente permite as diversas relações num espaço pensado e desenvolvido para a criança manifestar e interpretar suas vivências, adquiridas nas práticas culturais. Seguindo a abordagem de Barbosa, “[...] o ambiente é um espaço construído, que se define nas relações com os seres humanos por ser organizado simbolicamente pelas pessoas responsáveis pelo seu funcionamento e também pelos seus usuários.” (BARBOSA, 2006, p. 119).

Observa-se, dessa forma, que o ambiente é um lugar de aprendizagem, que pode permitir a construção de novos conhecimentos, tornando-se muito significativo para a criança manifestar interesses por novas amizades, desenvolver novas falas e aos poucos se sentir parte de um ambiente cultural.

Nessa dimensão, Barbosa (2006) explica que o espaço físico e o ambiente, na Educação Infantil, estão interligados, apesar de não expressarem o mesmo sentido, sendo ambos são imprescindíveis para a criança. Logo, é necessário preencher esses espaços com desafios e possibilitar ambientes interessantes, a fim de suscitar aprendizados significativos.

Sintetizando, o “espaço” pode ser entendido como a parte física, o tamanho da sala, as portas, o mobiliário etc. Já o “ambiente” é caracterizado pelas relações construídas dentro desses espaços: entre os objetos; as pessoas; entre objetos e pessoas; com o uso de cores; com a presença ou ausência de boa ventilação e iluminação.

2.2 A organização do espaço físico na perspectiva da Educação Infantil

Pensar na organização do espaço físico dedicado à Educação Infantil é um assunto que já vem sendo analisado há algum tempo por alguns autores (BARBOSA, 2001; FORNEIRO, 1998; HORN, 2004; ZABALZA, 1998). Os estudos desses autores baseiam-se no modo como esse espaço é utilizado pelas crianças, como o professor deve organizar e pensar ações para desenvolver atividades para suprir as necessidades das crianças.

Horn (2004, p. 16) destaca que “[...] o espaço não é algo dado, natural, mas sim construído. Pode-se dizer que o espaço é uma construção social que tem estreita relação com as atividades desempenhadas por pessoas nas instituições”. Comungando com o ponto de vista da autora, observa-se que, para se colocar em prática a organização do espaço, é necessário, primeiramente, entender que esse é um processo complexo e que necessita de conhecimento e habilidades, ou seja, a maneira como o professor visualiza e utiliza ou até mesmo ignora esse lugar certamente irá influenciar, positiva ou negativamente, nas atividades que ele desempenha junto à criança.

Lima (1989) revela que, historicamente, a organização do espaço físico da pré-escola influencia no “disciplinamento das crianças e no controle dos movimentos corporais”. A autora ainda comenta que, nas décadas de 1950 e 1960, são descritos os espaços de algumas escolas brasileiras, mais especificamente escolas públicas de São Paulo, que eram muito parecidos com os espaços das escolas da França e da Inglaterra do século XIX.

Nessas instituições, o que prevalecia era o controle total da disciplina e as salas de aula eram organizadas com as cadeiras colocadas em filas, ou seja, deixavam-se de lado as necessidades das crianças e a perspectiva de uma interação menos hierarquizante. O espaço era organizado de maneira que não privilegiava o trabalho em grupo, nem as trocas de experiências. Os momentos de interação eram substituídos por atividades que priorizavam e valorizavam o trabalho individual.

Uma criança que habitualmente encontra-se num ambiente rigoroso, cheio de regras impostas, possivelmente não encontrará meios necessários para se tornar uma pessoa mais autônoma, e sim muito dependente e passiva para lidar com as situações cotidianas. Ao se valorizar muito a criança que manifesta uma postura de obediência, que se movimenta pouco, mal conversa com os colegas, considerada calma e quieta, compromete-se o seu pleno desenvolvimento. Percebe-se que o espaço no qual predomina a disciplina não oferece desafios e tão pouco a oportunidade da criança manifestar seus desejos e momentos de interação com outras crianças e, até mesmo, com adultos. Com isso, diminuem as oportunidades dessa criança adquirir novas habilidades de comunicação, raciocínio e conhecimentos para avançar nas próximas etapas do seu desenvolvimento.

Neste ponto reside a necessidade de imaginar e querer um espaço menos disciplinador e mais cheio de oportunidades, como menciona Zalbaza (1998). É necessário se pensar num lugar rico em diversidades, de fácil acesso, onde as crianças possam interagir e desenvolver trabalhos nos grupos. Os espaços não podem ser vivenciados como um lugar qualquer, ou seja, o espaço não é apenas um receptáculo. Ele precisa ser um lugar vivo, onde a criança possa escutar músicas, brincar com outras crianças, conversar, mexer em objetos, ações que são importantes para o seu bem estar e crescimento intelectual.

Forneiro (1998) apresenta três elementos que podem influenciar na organização do espaço da sala: os elementos estruturais, o mobiliário e os materiais disponíveis.

Com relação aos elementos estruturais, destacam-se os elementos permanentes, que fazem parte da própria estrutura do prédio, como a dimensão da sala. Ou seja, para se planejar as atividades, primeiramente é importante observar o lugar, a condição que esse espaço oferece, se grande ou pequeno, se dá acesso a outra sala, se é um ambiente com a iluminação adequada, se é um espaço ventilado ou quente, se fica próximo de áreas verdes. Todos esses elementos constituem pontos importantes a serem analisados para possibilitar uma melhor fluidez no trabalho proposto para a criança.

Com relação ao mobiliário, Forneiro apresenta dois aspectos: a quantidade e o tipo. Segundo ela, a quantidade de mobiliário irá influenciar na organização das atividades. Nesse

sentido, é fundamental preocupar-se com o mobiliário presente na sala, pois o excesso pode dificultar atividades com movimento, que trabalhem a coordenação motora e que proporcionem a interação do grupo; já a falta desse mobiliário acaba dificultando a organização do material para as atividades de aprendizagem.

Com relação ao tipo de mobiliário, Forneiro menciona que, para seu melhor aproveitamento, este deve possuir “leveza, polivalência e funcionalidade”, ou seja, um mobiliário leve permite ser transferido de um lugar para o outro e não deixa o espaço esteticamente da mesma maneira. Ele vai sendo modificado de acordo com as necessidades apresentadas pelo interesse da criança.

Da mesma maneira, um mobiliário multifuncional permite ao professor adaptá-lo com pequenas transformações para atividades que forem surgindo da necessidade do grupo. O planejamento da organização do espaço da sala vai sendo modificado a partir das propostas construídas no convívio diário do grupo.

Outro aspecto mencionado pela autora é que o mobiliário precisa ter uma funcionalidade. Nesse entendimento, percebe-se a importância de oferecer um mobiliário adequado, no sentido de estar ao alcance da criança, sem oferecer riscos, no qual ela se sinta segura em manipular, retirar objetos, utilizar materiais diversos que estimulem a sua curiosidade e participação em atividades que fortalecem a sua autonomia.

A organização do espaço precisa ser construída de maneira segura, com a higienização adequada, facilitando a participação das crianças nas atividades grupais e individuais, permitindo-lhes estar no espaço que estimule e possibilite novas formas de comunicação, criatividade, imaginação, cooperação e curiosidade, garantindo experiências de vida no contexto de Educação Infantil que propicie um ambiente estimulante e interativo.

Horn (2004) considera que seria importante oportunizar às crianças espaços para que elas possam exercitar a criatividade, um ambiente que possibilite a interação com outros adultos, objetos e diversos materiais, que estimulem a sua linguagem e desenvolvam a sua autonomia, ajudando a criança a fazer comparações, relatar experiências anteriores e criar novas expectativas de conhecimentos.

À medida que se estuda sobre a importância da organização do espaço físico da educação infantil percebe-se a necessidade cada vez maior de observá-lo com mais sensibilidade e dedicação, garantindo o bem estar de cada criança e do grupo como um todo. O espaço deve ser preparado para se criar ambientes a fim de oferecer encontros e intercâmbios entre as crianças.

Zabalza (1998) destaca que a Educação Infantil possui características muito específicas com relação ao uso do espaço físico. De acordo com o autor, quando os professores oferecem atividades convencionais, com espaços sem nenhuma diferenciação, esses ambientes tornam-se lugares pouco atrativos e acabam dificultando um melhor desenvolvimento da criança. Assim sendo, o espaço deve ser entendido não como mero detalhe da sala ou da escola, mas como elemento ativo e que merece ser tratado com atenção, cuidado e interesse.

Cabe sinalizar que a organização do espaço físico da Educação Infantil está intimamente relacionada ao papel exercido pelo professor nesse processo. A importância que ele dá a esse espaço, a maneira como o utiliza e prepara como mais um elemento que proporciona a aprendizagem para a criança. Portanto, é necessário investigar qual é o papel do professor nesse processo de organização do espaço da educação infantil.

2.2 O papel do professor na organização do espaço

O trabalho na educação infantil exige um olhar mais dedicado e muito empenho para compreender as necessidades da criança, oportunizando atividades que realmente sejam eficazes para o seu desenvolvimento. De acordo com Horn (2004) é necessário que o adulto presente nas atividades da Educação Infantil organize sua prática pedagógica e possibilite o trabalho coletivo, procurando desprender-se de atividades que o tornem o centro das ações, disciplinando e controlando os movimentos da criança e suas formas de ação.

Realmente, é necessário que o profissional que está mediando as atividades com as crianças no ambiente infantil organize sua prática pedagógica. Para isso, é importante que, primeiramente, esse profissional tenha a convicção sobre se é na educação infantil que ele realmente quer trabalhar, que ele sinta prazer em estar naquele espaço, juntamente com aquele grupo e com aquela faixa etária, pois as chances desse profissional desempenhar um trabalho mais rico tornam-se bem maiores.

Zabalza (1998) afirma que as atividades desenvolvidas pelo professor na Educação Infantil não deve ficar limitado somente a conteúdos prontos e sim proporcionar momentos em que a criança possa ter iniciativas próprias. Certamente, a partir do momento que o professor se desprende do currículo e proporciona atividades mais reais, no sentido de a criança poder tocar, descobrir, ele estará estimulando a imaginação, a curiosidade e as possíveis iniciativas para tomada de decisões. Quando um profissional fica muito restrito ao currículo, tira a oportunidade da criança buscar algo mais, limitando seu pensamento, não oferecendo outras oportunidades e estímulos para a criança iniciar suas curiosidades, seus interesses e despertar

para sua autonomia. A própria organização do espaço e a criação dos ambientes são essenciais para auxiliar esses profissionais nas atividades.

Na medida em que um profissional de Educação Infantil compreende a utilização do espaço como mais um recurso no qual ele pode planejar ações e aplicá-las em diversos ambientes, ele terá grandes oportunidades para criar situações de aprendizagem. Porém, é necessário um trabalho junto a esse profissional, que o desperte e possibilite-lhe estudar, enchendo-o de desafios necessários para melhorar a sua prática junto às crianças.

A prática do professor está muito associada aos seus valores, ideologias, concepções a respeito de Educação Infantil, bem como às suas experiências anteriores, conforme indica Forneiro (1998). Percebe-se que o trabalho de cada profissional está voltado para aquilo em que ele acredita e conhece e com que se identifica. As atividades propostas e desenvolvidas com as crianças seguem um modelo educativo com o qual o profissional se sente bem para utilizá-lo. É importante se observar as práticas pedagógicas dos professores para entender o perfil de cada um, sua compreensão de Educação Infantil, se eles se sentem desafiados ou acomodados para propor novas ideias e mudanças em seus ambientes de trabalho, especialmente com relação à utilização do espaço, seja das salas em que desenvolvem atividades com as crianças, seja nos espaços externos a essas salas.

Oliveira (2010) destaca o papel dos profissionais na elaboração de propostas de uso e estruturação do espaço e na organização de atividades educativas mais eficazes e de qualidade. Destaca, ainda, a necessidade de políticas educacionais que promovam a valorização e o incentivo desses profissionais, para que possam construir propostas inovadoras e voltadas ao pleno desenvolvimento das crianças.

Nessa linha de abordagem, torna-se fundamental que o profissional de Educação Infantil seja um mediador nesse processo de desenvolvimento da criança, que organize e planeje ações educativas em diferentes espaços físicos, permitindo que a criança brinque livremente. Assim, estará criando situações para que a criança possa descobrir outros elementos para a sua aprendizagem. Para que isso ocorra, é necessário que o professor da Educação Infantil tenha consciência e compreensão sobre o que é ser criança e quais as necessidades fundamentais para o processo de desenvolvimento da autonomia e do aprendizado delas.

Angotti (2010) aborda o fato de o professor necessitar ativar seu interesse em buscar conhecimento, como fonte que permitirá seu crescimento pessoal e profissional. Essa busca por conhecimento, esse embasamento teórico, irá gerar segurança e confiança na sua prática docente.

As reflexões de Angotti indicam que o professor só irá se sentir seguro em mudar sua prática pedagógica quando adquirir conhecimento teórico suficiente para saber o que é próprio de cada criança, o que é necessário para o desenvolvimento dela, quais atividades são possíveis de serem realizadas, como possibilitar situações que estimulem as relações entre as crianças e outras pessoas e como pensar o espaço, como prepará-lo de acordo com a faixa etária de cada criança, a fim de possibilitar novas descobertas e novos aprendizados.

Mais que isso, é importante observar o perfil de cada profissional, suas habilidades e formação para trabalhar com a educação de crianças. Pois, como Horn (2004) comenta, historicamente, muitos professores assumiam as turmas de infantil sem possuir qualificação necessária para desenvolver um bom trabalho junto às crianças. Ou seja, predominava a concepção de que qualquer pessoa poderia ser um profissional da área, desde que tivesse alguma afinidade com a Educação Infantil. Essa visão equivocada vem sendo questionada, pois se observa a necessidade de uma qualificação permanente do profissional da Educação Infantil e que não pode ser qualquer pessoa a desenvolver essa atividade.

À medida que o professor se aprofunda nos seus estudos, fortalece sua autonomia e se qualifica nas suas ações pedagógicas, conseqüentemente, torna-se um profissional capaz de oferecer um trabalho mais dinâmico e rico em experiências para as crianças. Quando o professor conhece a criança, sabe escutá-la, observa as suas necessidades, certamente terá uma grande oportunidade de organizar um espaço com a disposição da sala pensada como cantos da vivência cultural da criança, ou seja, espaços apropriados e confeccionados junto com o grupo, no qual se perceba a presença de projetos que foram pesquisados e que partiram do interesse e da curiosidade da criança.

3. METODOLOGIA

O objetivo desta pesquisa é verificar de que forma e com qual frequência os profissionais de várias regiões de Caucaia utilizam e percebem o espaço físico da Educação Infantil. Buscou-se observar as práticas e ações dos profissionais com relação ao uso do espaço físico da pré-escola, compreendendo uma trajetória de informações e dados acerca de como é organizado o espaço físico da Educação Infantil e como os professores organizam suas salas, de forma a identificar se existe a participação das crianças, se os professores utilizam outros espaços e se existe a compreensão de se criar ambientes propícios para o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

Para atingir esses objetivos, foi realizada uma pesquisa qualitativa e não poderia ser outra, tendo em vista as características citadas por Ludke e André (1986, p. 13):

[...] o pesquisador como principal instrumento; os dados coletados são predominantemente descritivos; deve haver uma preocupação muito maior com o processo do que com o produto; o pesquisador deve atribuir mais foco ao significado que as pessoas dão às coisas e a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Para o autor, a pesquisa qualitativa está associada a cinco características, pois deve ser uma pesquisa em que (1) “o natural seja fonte direta de dados e o pesquisador como principal instrumento”; (2) “os dados coletados são predominantemente descritivos”; (3) deve haver uma “preocupação muito maior com o processo do que com o produto”; (4) o pesquisador deve atribuir mais foco ao “significado que as pessoas dão às coisas” e que (5) “a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo” (LUDKE; ANDRÉ, 1986. p. 13).

Outros pesquisadores, Bogdan e Biklen (1994) elencam essas mesmas cinco características para definir uma pesquisa qualitativa, variando somente a posição dos elementos na sequência.

Conforme essas definições, nas quais os dois autores apresentam as mesmas cinco características da pesquisa qualitativa, pode-se afirmar que tal tipo de pesquisa é uma abordagem, em que o pesquisador precisa vivenciar mais profundamente o objeto pesquisado, para analisar elementos, dando muita atenção ao que é dito pelas pessoas a respeito dos processos de modo a avaliá-los melhor, gerando um relatório descritivo e metodológico da pesquisa realizada.

Os autores chamam a atenção a que, para tal aprofundamento, é possível utilizar vários recursos, como fotografias, registros escritos, depoimentos, observações, questionários, com o fim de realizar as coletas de dados e análises da pesquisa.

Nesta pesquisa, pretendo utilizar, para a coleta de dados, duas técnicas: uso de questionário e observação.

Para Triviños (1987, p. 130), quando se quer caracterizar uma pesquisa como qualitativa, deve-se atentar para o delineamento dessa pesquisa, ou seja, “o desenvolvimento hipotético do estudo que queremos realizar”. Com isso, percebe-se a importância de se executar um planejamento antes de se realizar uma pesquisa.

Esse planejamento deve ser orientado de acordo com os objetivos que se deseja alcançar e, percebendo que tais objetivos estejam focados em respostas que sejam de origem descritiva ou de observação, deve-se aplicar uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, como é o caso da proposta desta pesquisa.

O autor ressalta que, para o planejamento e coleta de dados, existem algumas características semelhantes entre as pesquisas qualitativas e as quantitativas, explicando que, para ambas, há a necessidade de “[...] uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta e análise das informações.” (TRIVIÑOS, 1987, p. 131).

Salienta, porém, várias diferenças entre os dois tipos de pesquisas. Por exemplo, quando se trata de pesquisas qualitativas, a rigidez das etapas, existente nas pesquisas quantitativas, não se faz presente. Nas qualitativas, por exemplo, a análise de dados pode ser feita ao longo da coleta de dados, fato que não é possível nas quantitativas.

Outra diferença indicada pelo autor é com relação ao processo de determinação de população e de amostra, em que, tratando-se de pesquisa qualitativa, não há necessidade de testes e tratamentos estatísticos sofisticados, bastando “[...] usar recursos aleatórios para fixar amostra” (TRIVIÑOS, 1987, p. 132).

Isso não significa dizer que dados estatísticos não estejam presentes em pesquisas qualitativas. Quer dizer, somente, que em tais pesquisas podem ser apresentados dados exploratórios da amostra coletada e o foco maior deve estar na análise descritiva dos dados.

Partindo especificamente para pesquisa a ser efetuada, a população considerada é a do universo de professoras de Infantil V do município de Caucaia, que, de acordo com a Secretaria de Educação Municipal, é um total de cento e cinquenta (150) professores para o ano de 2014.

O motivo da escolha pela turma do Infantil V foi pelo fato de essas turmas serem as últimas do período da Educação Infantil e porque eu senti a curiosidade de perceber como os

professores desenvolvem atividades para que essas crianças interajam nos espaços físicos, quais as atividades os professores gostam de realizar nos espaços existentes e como as crianças se relacionavam com aquele espaço disponível.

A coleta de dados foi feita por meio de um questionário durante um evento de Formação de professores de turmas do Infantil V. Em acordo com a Secretária de Educação, a aplicação desse questionário não tinha de ocupar muito do tempo do evento.

A definição de “questionário” para Lakatos (2003, p. 187) é “[...] um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”.

Já para Gil (2008, p. 121), questionário é uma “[...] técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas [...]”.

Para essa pesquisa, o questionário foi composto por doze perguntas, sendo nove do tipo de múltipla escolha e três abertas, conforme exposto no Apêndice A.

A aplicação do questionário se justifica na medida em que a pesquisa realizada pretendeu representar uma fotografia de todo o município de Caucaia, da utilização dos espaços pelos profissionais que desenvolvem atividades com as crianças do infantil V, bem como da qualidade dos espaços existentes para desenvolver as suas atividades.

Para que essa fotografia representasse todo o município, a aplicação do questionário ocorreu de forma distribuída entre as seis regiões escolares definidas pela Secretaria de Educação. Para tanto, se pretendeu, no momento da aplicação do questionário, buscar uma distribuição de acordo com a tabela de dados do “Quadro de Matrícula 2014 – Turmas e Alunos/Escolas” (Anexo A), em que cerca de dezesseis por cento (16%) das turmas de Infantil V estão na Região Sede; quarenta e cinco por cento (45%) na Jurema; quatorze por cento (14%) na Praia; quatro por cento (4%) na BR020; quinze por cento (15%) na BR222 e seis por cento (6%) na Região Garrote.

Outro instrumento a que foi utilizado na pesquisa de campo é o da observação diária das atividades de um profissional durante sua atuação em uma sala de Infantil V.

Para a escolha de um profissional/sala/escola que foi visitado por cerca de dez dias úteis, foi avaliado o universo de turmas Infantil V disponíveis na área urbana de Caucaia, que tivesse a possibilidade e interesse de participar da pesquisa. Um parâmetro a ser observado para a escolha da escola é que a mesma seja constituída de prédios próprios do Município de Caucaia (conhecida como escola patrimonial), pois permitiu uma análise que poderia ser replicada por pesquisas futuras. A possibilidade de tais prédios continuarem a abrigar uma

escola municipal é bem maior do que se a coleta for feita em uma escola conveniada (conhecida como escola anexo), cujo prédio não é patrimônio da Prefeitura de Caucaia.

Outro parâmetro relevante na escolha da escola é que seja um local onde a pesquisadora não tenha atuado como professora. Essa restrição reside no fato de a pesquisadora conhecer a realidade das escolas onde já atuou, impedindo-a de uma análise isenta.

A observação foi feita pela pesquisadora diretamente na atuação do profissional, sem que a pesquisadora interferisse nas atividades diariamente executadas. Foram utilizados recursos de registros fotográficos, anotações e conversas informais tanto com o grupo gestor quanto com o profissional no intuito de analisar a utilização dos espaços disponíveis, bem como a qualidade de tais espaços.

Alguns desafios tiveram que ser vencidos para a realização dessa pesquisa, dentre os quais: a autorização por parte da gestão da escola na qual eu trabalhava; encontrar uma data que casasse a aplicação do questionário com um dia em que as professoras estivessem reunidas e aplicar o questionário durante o tempo da formação sem atrapalhar as atividades. Para vencer esses desafios passei por momentos tensos, por causa do tempo de prazo da monografia, e tive que exercitar minha capacidade de negociação e planejamento.

4. DESCRIÇÃO DO ESPAÇO DA ESCOLA EM CAUCAIA – OBSERVAÇÕES DE CAMPO

As discussões até aqui realizadas sobre o uso do espaço físico da Educação Infantil indicam que este se apresenta como um aspecto importante no desenvolvimento da criança. No presente capítulo, abordou-se a percepção dos professores sobre o espaço infantil em dois momentos: descrição da observação direta, realizada em uma escola de ensino infantil do município de Caucaia, e o resultado dos questionários aplicados junto a um grupo de professores do referido município.

A divisão administrativa das escolas no município de Caucaia é organizada em seis áreas, conhecidas por regiões escolares e têm a seguinte denominação: (1) Jurema, (2) Sede, (3) Praia, (4) BR 020, (5) BR 222 e (6) Garrote. Foi escolhida para a realização da pesquisa uma escola da região da Jurema, mais especificamente do bairro Metrópole, tendo em vista ser essa a região onde a pesquisadora atua como professora e por concentrar o maior número de escolas do município.

A observação aconteceu numa sala de infantil V em um prédio com um amplo espaço físico, de modo a se obter uma análise detalhada acerca de como esse espaço está sendo utilizado e de como as atividades propostas pela professora influenciam no desenvolvimento das crianças.

A pesquisa foi realizada entre os dias seis e dezenove de novembro de 2014, e procurou acompanhar todo o turno de atividades da profissional, desde o momento em que recebia as crianças até o horário da saída, a fim de aproveitar ao máximo para observar-se o uso do espaço físico nas atividades da turma.

A escola, de acordo com conversas informais que tive com a equipe gestora, possui vinte e quatro anos de existência e durante esses anos sempre ofereceu Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Porém, há dois anos, o Ensino Fundamental I foi remanejado para outra instituição de ensino, permanecendo a Educação Infantil e o Ensino Fundamental II. A Educação Infantil continuou devido a grande procura da comunidade.

A distribuição das salas é composta por quinze espaços, dos quais quatro são destinados para a Educação Infantil, nos períodos manhã e tarde, nos quais estão matriculadas 159 crianças. As demais salas são ocupadas por turmas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos). Neles estão matriculados 441 alunos, totalizando 600 alunos matriculados nessa instituição de ensino.

A escola é constituída por um amplo espaço físico, com cerca de 6.000 m² de área total. A distribuição dos prédios da escola, feita com auxílio de imagens do Google Earth², está representada na Figura 1. Nela é possível perceber os prédios e blocos que formam a área da escola:

- a) Bloco 1: prédio do Telecentro;
- b) Bloco 2: quadra de esportes;
- c) Bloco 3: estrutura administrativa junto com o pátio da escola;
- d) Bloco 4: sala de informática e brinquedoteca;
- e) Bloco 6: salas de aulas e sala de vídeo;
- f) Blocos 5, 7, 8,9 e 10: salas de aulas.

Figura 1 – Distribuição dos prédios e blocos da escola visitada



Fonte: Dados da pesquisa associados a imagem Google Earth.

² **Google Earth** é um programa de geoprocessamento que permite visualizar imagens do planeta, lugares, terrenos, construções e até mesmo algumas ruas. Todo o conteúdo geográfico é confeccionado com imagens feitas via satélite– disponível em <https://www.google.com/earth/>

Para fins de simplificação, as indicações numerais associadas aos prédios e blocos da escola serão referenciadas de acordo com a Figura 1.

Na entrada da escola de Educação Infantil existe um jardim pequeno, mas muito florido. Um pouco mais afastado, há, entre duas árvores, um local que serve de estacionamento para os funcionários da escola. Bem ao lado desse estacionamento, fica o prédio do Telecentro (Figura 2), que oferece cursos de informática para os alunos e para a comunidade de maneira geral.

Figura 2 – Foto do Telecentro



Fonte: Dados da pesquisa.

A entrada para as demais dependências da escola é feita por um portão, na junção dos blocos 3 e 4. Passado o portão, seguindo no corpo do bloco 3, ficam a sala da Diretoria e a Sala dos Professores, que é ampla e dotada de ar condicionado, estante, geladeira, mesa grande, computador, som, um quadro de aviso e onde uma parede foi adaptada para o uso de projetor multimídia.

Seguindo o bloco 3, há a sala de leitura, que é ampla e possui uma divisória feita por estantes. Num dos lados, há mesas e cadeiras e, no outro, um espaço livre com uma grande variedade de livros. Já a sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) é muito bem equipada, com computadores, ar condicionado, cadeiras adaptadas, mesas apropriadas, sendo um espaço amplo para desenvolver atividades específicas. Há, ainda, a secretaria, que também é ampla, bem equipada e com dois banheiros grandes e bem higienizados para os funcionários.

Na junção dos blocos 3 e 4, existe uma sala de espera, onde os pais aguardam por seus filhos. Esse espaço possui um portão que separa a entrada do restante das dependências da

escola. A maior parte da área do bloco 3 é formada por um pátio grande que possui um palco e um conjunto de bebedouros para os alunos.

O pátio (Figura 3) serve como uma área de circulação e de distribuição para os outros blocos da escola, onde estão concentradas as salas do fundamental II nos blocos 4, 5, 6, 7 e 8. Vale ressaltar que, entre um bloco e outro, há algumas árvores que servem de sombra para aplacar o calor das salas de aulas. A quadra esportiva é grande e com muito espaço ao redor (Figura 4).

Figura 3 – Foto do Pátio



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 4 – Foto da Quadra



Fonte: Dados da pesquisa.

No bloco 4, além das salas de aulas, fica a sala de informática e, ao lado dela, uma brinquedoteca. Já no bloco 6 ficam mais salas de aula e a sala de vídeo, com cadeiras, ar condicionado, som, TV e projetor multimídia.

No final do pátio, ainda no bloco 3, fica a cozinha. Ao lado direito, existe um banheiro masculino e, ao lado esquerdo da cozinha, fica o banheiro feminino. Os dois são amplos, mas necessitam de manutenção, pois há muitos vazamentos. Ao lado do banheiro masculino, existe uma parede pintada na cor azul marinho, que possui uma decoração indicando que ali fica o espaço para a Educação Infantil, a qual ocupa os blocos 9 e 10.

As salas destinadas às turmas do Infantil II, III e IV, em número de quatro, e se localizam no bloco 10. A sala do Infantil V fica no bloco 9, dividindo-o com turmas do Fundamental II.

O motivo informado pela direção da escola para as turmas de Infantil V não compartilharem o mesmo local do restante de turmas de Infantil se deve ao fato de o espaço do bloco 10 não comportar mais uma sala.

As salas destinadas ao Infantil II, III e IV (bloco 10) são amplas, ventiladas e possuem armários, estantes, mesas, cadeiras, ventiladores, televisores, brinquedos, dentre outros recursos. Lá, os banheiros são adaptados para as crianças e se localizam dentro das salas. Em frente às salas, existe um espaço amplo, com algumas árvores (Figura 5). Não há parquinho e o piso de tal espaço foi totalmente cimentado. É nesse espaço que as crianças são orientadas a brincar, pois nos espaços com areia existe a preocupação da utilização por animais domésticos e também de as crianças ficarem “sujas” e doentes, devido à poeira.

Figura 5 – Foto da área em frente às salas de Infantil



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao lado das salas, em uma área não cimentada, existe uma horta onde são plantados tomate, pimentão, cheiro verde e algumas plantas medicinais (Figura 6). Passada a horta, há um grande espaço ocioso, repleto de matos e galhos secos e cadeiras escolares empilhadas, que causam uma aparência de abandono (Figura 7).

Figura 6 – Foto da Horta



Fonte: Dados da pesquisa.

Figura 7 – Foto de espaço ocioso



Fonte: Dados da pesquisa.

A sala do Infantil V (Figuras 8 e 9), local onde foi realizada a observação direta, fica no bloco 9. É uma sala ampla e ventilada, que segue a seguinte organização do seu espaço: possui oito mesas e vinte duas cadeiras, distribuídas nas extremidades da sala, além de uma

lixeira, dois armários em estado precário e uma estante fixa de concreto. Diferentemente das outras salas de Infantil, a sala das crianças de cinco anos não possui banheiro. As crianças são orientadas a utilizar o banheiro dos alunos do Ensino Fundamental II.

Figuras 8 e 9 – Fotos do espaço da sala



Fonte: Dados da pesquisa.

Numa das paredes, foi afixado um alfabeto, numa altura superior à das crianças; numa outra parede, os numerais de 0 a 9. Ao lado desses números, ficam fichas fixas do pré-nome das crianças. Há também alguns cartazes de músicas que fazem parte do material da turma do 1.º ano do Ensino Fundamental. Alguns brinquedos ficam numa caixa, embaixo da estante de concreto, e outros são guardados pela profissional observada no armário. Num espaço ao lado da lousa, há um mural com imagens de paisagem e com a frase “sejam bem-vindos”.

Os aspectos citados corroboram as abordagens analíticas de Forneiro (1998), para quem o espaço emite mensagens e a maneira como esse lugar é organizado demonstra claramente a percepção da organização desse espaço e o tipo de proposta de atividades que o profissional está desempenhando. Durante a observação, não foi possível perceber uma preocupação ou entendimento de que aquele espaço poderia ser utilizado nas atividades cotidianas. Durante os dias de pesquisa, observou-se que tudo o que estava exposto parecia ser invisível para a profissional observada e também para as crianças. A visão de utilização do espaço fora da sala se resumia às atividades motoras, como correr, esconder, brincar de bola, cineminha e teatro. Contudo, por mais que o teatro tenha sido citado, durante o período de observação não houve qualquer atividade que envolvesse a dramatização.

Percebe-se na forma como a profissional observada utiliza e organiza o espaço físico, tanto da sala quanto nos outros espaços existentes em que realiza suas atividades com as crianças, práticas que caminham no reforço de comportamentos padronizados, quando os valores que se destacam são relacionados à obediência, ao controle, à ordem e à disciplina. A criança “bem comportada”, ou seja, obediente, silenciosa e que se movimenta pouco, é celebrada pela profissional observada, que recrimina atitudes diferentes dessas.

Sua prática cotidiana adéqua-se a uma abordagem tradicionalista, com poucos incentivos à criatividade, à espontaneidade e às interações sociais das crianças entre si e dessas com outras pessoas que também formam a pré-escola. Além disso, os exercícios e atividades propostos pela profissional observada sugerem a valorização de preconceitos já conhecidos, com pouco espaço para a inovação, marcados pelo uso do espaço interno da sala.

Predominam atividades no livro, como um cotidiano repetitivo que não colabora para a inventividade, a troca, a participação das crianças. Assim, percebe-se, por exemplo, que a discussão e as atividades que poderiam indicar formas diversas de lidar com o ambiente, com o cuidar de si e do outro, não são trabalhadas ou são tratadas como algo não tão relevante.

4.1 A prática pedagógica na utilização do espaço físico da Educação Infantil

As atividades desempenhadas diariamente pela profissional observada denotam alguns aspectos importantes sobre a forma como o espaço tem sido percebido na prática pedagógica com crianças do Infantil V, ainda que revelem um caso particular de observação. Tais atividades se concentravam, sobretudo, na utilização do livro.

Percebeu-se que, todos os dias, se discutiam temas diversos, como reciclagem, plantas, rótulos, dentre outros. Por mais que, na sua prática e na conversa com as crianças, a

profissional observada apresentasse rótulos ou pedisse que as crianças trouxessem plantas para a sala, não se percebia uma continuidade da atividade, nem a abordagem desses temas novamente. As plantas que as crianças levavam ficavam na sala e ninguém dava mais importância ou sequer tinham a curiosidade de observar as mudanças que elas estavam passando. Ou seja, as atividades aconteciam por acontecer, porque havia um conteúdo a ser seguido.

O que era conversado com as crianças parecia não estar contextualizado com aquele espaço, com a vida delas ou com outros lugares. Percebeu-se que a profissional observada não se apropriava das falas das crianças e das experiências vividas por elas no ambiente familiar, a fim de instigar, de possibilitar a elas pensar e buscar novos conhecimentos. Esses aspectos reforçam o que Zabalza (1998) fala sobre atividades convencionais e espaços utilizados sem nenhuma diferenciação. A prática da profissional observada revela o tratamento do espaço como algo que não participa ativamente do processo de aprendizado das crianças, bem como não incorpora seus conhecimentos e valores nas atividades escolares.

Outra observação feita diz respeito ao uso do pátio. As crianças tinham acesso a esse espaço diariamente, porém apenas como um ponto de espera. Elas chegavam e ficavam aguardando o tempo certo da profissional observada levá-las para a sala. Da mesma forma, durante o horário de saída, a profissional observada sentava as crianças nas cadeiras do pátio para que aguardassem a chegada dos seus pais.

As atividades desenvolvidas durante o período da manhã, na grande maioria, eram realizadas na sala. As crianças chegavam em fila indiana, organizada por gênero – primeiramente as meninas e, em seguida, os meninos. Colocavam suas mochilas num determinado local – os materiais dos meninos eram separados dos das meninas –, encostadas na parede, tiravam as agendas e os livros, e os entregavam à profissional observada. Logo após isso, deslocavam-se para as mesas enquanto a professora fazia as agendas.

Nesse momento, as crianças ficavam sentadas conversando e, depois de uns vinte minutos, a profissional observada as convidava para uma roda de conversa, que, no entanto, não tinha uma organização de roda. As crianças ficavam umas atrás das outras, sem ter a oportunidade de olhar entre si, e a professora sentava-se numa cadeira alta obrigando, as crianças a olharem para cima. Naquele momento, a profissional observada explicava a atividade do livro e, às vezes, cantava algumas músicas. Ao longo da observação houve um único dia de contação de história.

Logo em seguida, a profissional observada realizava a atividade no livro, chamando três crianças de cada vez, enquanto as demais ficavam em suas cadeiras conversando até chegar

a sua hora. Com o passar do tempo, chegava a hora do lanche e as crianças imediatamente levantavam e pegavam suas lancheiras. Poucas aceitavam o lanche da escola.

Quando as crianças terminavam o lanche, a professora as organizava numa fila e seguia para a sala do Infantil II. Nesse espaço, as crianças ficavam diariamente vinte minutos assistindo DVDs da Xuxa ou do “Patati e Patatá”, juntamente com as crianças de dois anos, pois as profissionais de ambas as séries saíam para o lanche. Ao voltar, às vezes, a profissional observada deixava as crianças correrem por uns cinco ou, no máximo, dez minutos no espaço em frente às salas do infantil II, III e IV. Essa prática se repetiu por quatro vezes. Depois, a profissional organizava as crianças numa fila e as levava para a sala.

Nesse momento, era a ‘hora do brinquedo’. Os brinquedos, que ficavam guardados no armário, como panela, fogão, pratos, copos e colheres eram entregues às meninas, enquanto aos meninos eram distribuídos bonecos, brinquedos de encaixe e helicópteros. Enquanto algumas crianças brincavam, a profissional observada continuava desenvolvendo as atividades com outras crianças que ainda não as tinham realizado. De vez em quando, chamava atenção das crianças para permanecerem sentadas.

Percebe-se que algumas atividades se estabelecem a partir da diferenciação de gênero, dividindo meninos e meninas em cantos, filas e atividades que parecem reforçar diferenças de gênero. Ao estabelecer espaços, brinquedos e práticas de acordo com o gênero, perde-se a oportunidade de buscar construir relações menos desiguais entre meninos e meninas, proporcionar outras formas de interação entre as crianças e dessas com os espaços. As filas indianas e os espaços rígidos e separados caminham na contramão das reflexões dos teóricos sociointeracionistas, os quais compreendem como importantes as interações entre as crianças de formas diversas, múltiplas. Isso vai se relacionar, intimamente, com a percepção que a profissional de educação tem sobre o espaço e as interações estabelecidas nele e com ele.

Observa-se um controle para impedir que as crianças se movimentem pela sala. Essa postura é contrária ao que Wallon defende em suas teorias sobre a importância do movimento, da criança se deslocar e interagir com o meio e com outras pessoas, para ampliar seu desenvolvimento, sua aprendizagem e as possíveis descobertas da vida. Ao contrário, percebeu-se que, até no momento de uma atividade livre, as crianças eram limitadas a controlar suas ações, atitudes, emoções, pois o mais importante era manter o silêncio.

Algo que trouxe euforia às crianças ocorreu no dia 12 de novembro, quando utilizaram a sala de vídeo. Trata-se de um espaço bem equipado e nesse dia todas as crianças da Educação Infantil foram assistir a um filme sobre os meios de comunicação. Percebeu-se que não era algo que estava planejado, pois não existiu antes nenhum comentário a respeito do

assunto. O espaço foi utilizado, bem como a atividade, sem um objetivo real e significativo para as crianças.

Essa postura faz lembrar bem o que Oliveira (2010) fala sobre a importância de os profissionais organizarem os espaços e as atividades de formas mais interessantes e ricas e com qualidade, que levem as crianças a ampliar seus conhecimentos e despertar para novas curiosidades.

No caso observado, percebeu-se a quase completa improvisação da atividade por parte da professora, como se essa fosse uma mera atividade para complementar o tempo. A atividade não despertou tanto interesse e as crianças não foram convidadas a conversar sobre o que tinha acontecido naquele espaço. Não foram estimuladas a buscar uma compreensão sobre o que aquelas imagens estavam informando acerca do assunto em questão; não se discutiu que todas as questões transmitidas ali fazem parte do meio em que as crianças vivem e que precisam de informações para entender essas relações de comunicação existentes nos diversos espaços nos quais elas convivem.

Com relação à brinquedoteca (Figuras 10 e 11), espaço que possui um grande acervo de recursos, como brinquedos, fantasias, jogos, escorregadores, cavalinhos, carros, bonecas, além de uma grande variedade de livros de histórias, máscaras de animais, violão, som e um aparelho televisor, percebeu-se ser praticamente sem utilização.

Figuras 10 e 11 – Fotos do espaço da Brinquedoteca





Fonte: Dados da pesquisa.

Foi informado que existe um calendário fixo na sala dos professores, indicando as datas e horários para que cada turma do infantil possa utilizá-la. Todavia, por mais que nos diálogos a profissional observada e com outros funcionários da gestão se dissesse que existe um calendário e que cada turma tinha um dia para frequentar a brinquedoteca, isso não foi constatado durante os dez dias de observação, ou seja, durante as duas semanas de pesquisa as crianças não foram levadas a utilizar esse espaço. Percebe-se, assim, uma ideia equivocada sobre o uso da brinquedoteca, que para algumas pessoas da gestão da escola foi considerado “o espaço mais importante da Educação Infantil”, por dispor de muitos jogos educativos e livros que serviriam de estímulo para a leitura e escrita.

No último dia de pesquisa em campo, a escola recebeu uma doação de uma fábrica, que destinou àquela instituição uma grande quantidade de brinquedos, como bonecas, carrinhos, dinossauros, bolas variadas. Recebeu, ainda, outra doação por parte de um grupo cultural do bairro, que deu para as crianças uma jangada em tamanho natural e um pequeno palco.

A coordenadora contou com o auxílio de alguns alunos do fundamental para ajudar na organização e na criação de cenários. Infelizmente, em decorrência do tempo, não foi possível observar como esses equipamentos e brinquedos foram utilizados na escola.

O curioso é que um espaço tão rico de recursos, com uma diversidade grande de materiais, não tenha a devida utilização pelas crianças, as quais não são convidadas diariamente a utilizá-lo, a compartilhar ideias, a trocar experiências, a serem estimuladas a entrar num mundo imaginário e possuir oportunidades imprescindíveis para os momentos de interação, que

são essenciais para o seu desenvolvimento. Tais espaços seriam oportunidades até mesmo para o contato com outros ambientes, os quais as crianças poderiam ajudar a construir, permitindo-lhes se identificar com aquele espaço para ampliar novas habilidades.

O sociointeracionismo sugere que a criança se desenvolva de forma integral, dinâmica, questionadora, tendo a oportunidade do contato com outros meios e realidades para que ela possa ampliar e desenvolver sua autonomia. Nesse ponto de vista, as atividades desenvolvidas pela profissional observada não se mostraram sociointeracionistas. Ao contrário, corroboraram com uma visão de criança como ser passivo e não como sujeito do seu desenvolvimento.

Dessa forma, a visão que se tem da utilização da brinquedoteca era de algo que possibilita a pré-alfabetização e não a brincadeira livre, os momentos de interação, os movimentos corporais, as relações interpessoais, a possibilidade que o professor tem de observar e oferecer atividades desafiadoras para as crianças. Todos esses aspectos se contrapõem ao que Horn (2004) discute sobre a utilização do espaço para o desenvolvimento da autonomia da criança de se pensar e promover espaços mais ricos e cheios de diversidades e oportunidades para as crianças explorarem.

Percebe-se que as reais condições vivenciadas na utilização do espaço físico não favorecem o desenvolvimento da autonomia das crianças, nem o seu desenvolvimento integral, concentrando-se, especialmente, nas atividades escritas e no preenchimento de agendas. As atividades são totalmente controladas e planejadas pela professora, que não aceita sugestões das crianças. Para ela, o espaço mais importante é a sala, onde pode controlá-las melhor. Esses comentários reforçam o que Horn (2004) fala sobre espaço disciplinador, que acaba tornando-se desestimulante e impede a obtenção de melhores resultados no aprendizado da criança.

Para a profissional observada, o fato de não se utilizar outros espaços presentes na escola, como a sala de leitura e a sala de informática, visa impedir que as crianças façam muito barulho e atrapalhem as aulas das turmas de Fundamental II. Outra razão apresentada pela profissional seria o fato de o Programa Mais Educação³ também ser destinado ao Ensino Fundamental, que ocupa a sala de leitura durante todo o período da manhã e da tarde.

³ “Programa do Governo Federal, através do Ministério da Educação, em parceria com os governos municipal e estadual, que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para, no mínimo, sete horas diárias, por meio de atividades optativas em diversas áreas destinadas ao: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica”, de acordo com o portal do MEC (BRASIL, 2014).

Outro espaço que poderia ser utilizado pela profissional, a horta da escola, foi citada como “nunca utilizada” e percebe-se que não é dada tanta importância a esse ambiente. Trata-se de um espaço que uma funcionária dos serviços gerais mantém e retira as verduras para serem utilizadas no lanche das crianças.

Observa-se na fala da profissional observada que, em nenhum momento, ela sentiu desconforto em não utilizar tais espaços e nem foi percebida uma possível negociação com a coordenação para uso de outros espaços. Ela comentou, em relação ao ambiente da sala em que são desenvolvidas as suas atividades diárias com as crianças, que era mal iluminado, com a temperatura inadequada, desconfortável, mal higienizado e mal mobiliado.

Mesmo diante dessa realidade, na maior parte do tempo, as atividades diárias ocorrem nesse ambiente, embora a escola possua espaços ventilados, como o pátio, a área sob as árvores próximas das salas do Infantil II, III e IV, a sala de leitura, a quadra, a sala de vídeo, a horta, que poderiam também ser utilizados para outras atividades, além da própria brinquedoteca. A profissional não consegue se apropriar dos espaços da escola para as atividades. Tais espaços existem, mas é necessário que a profissional os perceba como um ambiente de aprendizagem, conforme menciona Forneiro (1998).

Angotti (2010) afirma que o professor necessita ativar o interesse em buscar o conhecimento para melhorar suas atividades e práticas pedagógicas, mas isso não foi observado nas práticas pedagógicas cotidianas, nem na fala da profissional observada. Ao contrário, ela adota uma postura que não é coerente com o sociointeracionismo, gosta muito de trabalhar com atividades escritas e definidas nos livros e de alfabetizar, mas acha cansativo e dá pouca importância para as atividades mais dinâmicas, que exijam movimento, com utilização de outros espaços.

4.2 Questionários aplicados: uma fotografia das turmas em Caucaia

A aplicação dos questionários foi realizada no dia 7 de novembro de 2014, durante uma atividade de formação de professores de Infantil V, oferecida pela Secretária de Educação de Caucaia.

Tal atividade de formação foi realizada com a presença de cento e trinta (130) profissionais. O quadro de professores do município aponta para um total de cento e cinquenta (150) profissionais que atuam em turmas de Infantil V, indicando que, durante a atividade de formação, estavam presentes cerca de 90% do universo total de professores previstos.

Os profissionais estavam distribuídos em cinco salas, com a presença de, no máximo, trinta pessoas em cada sala. Algumas salas estavam com um número menor de pessoas, devido à ausência de professores durante a atividade de formação.

Para que a representação da pesquisa pudesse figurar como uma “fotografia” da realidade vivenciada pelos professores do Infantil V do município de Caucaia, procurou-se distribuir os questionários para profissionais que atuassem em todas as seis regiões escolares definidas pela Secretaria de Educação, já descritas.

O evento de formação não dividiu os profissionais nas salas de acordo com as regiões escolares em que atuam, fato esse que impediu uma divisão mais precisa dos questionários entre professores das regiões, conforme estava previsto na metodologia do trabalho.

Buscou-se, então, aplicar o questionário em todas as cinco salas da atividade de formação, solicitando de forma espontânea que profissionais das diversas regiões que estivessem presentes respondessem ao questionário. Ao final, obteve-se 32 questionários respondidos, assim distribuídos: oito questionários da Região Jurema; seis da Sede; seis da BR 222, quatro da Praia; quatro do Garrote e outros quatro da BR 020.

Apesar de não ter sido possível distribuir o questionário exatamente nos percentuais entre as Regiões, percebe-se que houve uma certa correlação entre o percentual da distribuição PLANEJADA e da OBTIDA:

Tabela 1 – Distribuição esperada e realizada da aplicação dos questionários

	OBTIDA		PLANEJADA	
	Questionários	Porcentual	TURMAS	Porcentual
Sede	5	15,6%	26	15,7%
Jurema	8	25,0%	76	45,8%
Praia	4	12,5%	23	13,9%
BR020	5	15,6%	6	3,6%
BR222	6	18,8%	25	15,1%
Garrote	4	12,5%	10	6,0%
Total	32	100,0%	166	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

Da tabela, percebe-se que o maior número de questionários respondidos foi da Região Jurema, conforme era de se esperar, pois ela concentra a maior parte das turmas de Infantil V do município, com quase 50%. Esperava-se, porém, uma maior concentração de respostas dessa região. Já para o caso da Região Sede, a correlação foi quase igual à esperada.

O questionário aplicado foi composto por doze perguntas no total, sendo nove perguntas do tipo de múltipla escolha e três perguntas abertas (ver Apêndice A). As nove primeiras perguntas, do tipo de múltipla escolha, tiveram como objetivo coletar informações gerais a respeito das localidades das escolas e da formação e tempo de atuação dos profissionais em educação infantil. Serviram também para captar como tais profissionais percebiam e indicavam a presença ou ausência de determinados espaços; as utilizações de tais espaços em termos da frequência semanal de uso e as qualidades ambientais percebidas por eles da sala de atividades.

Já as três últimas perguntas foram do tipo aberta e tiveram como finalidade permitir aos profissionais indicar, de forma descritiva, respostas a questões acerca das atividades costumeiramente realizadas nos espaços utilizados, da participação das crianças na organização desses espaços e de como tais profissionais gostariam que fossem os espaços destinados à educação infantil em seus ambientes de trabalho.

Com relação à formação desses profissionais, os dados analisados apontam que cerca de quarenta por cento (40%) indicaram possuir “Nível Superior” e outros sessenta por cento (60%) indicaram que possuem “Especialização”.

Esses valores apontam para o fato de que a maioria dos professores já possui uma qualificação além da graduação, e que nenhum dos professores pesquisados tinha somente nível médio ou já possuía mestrado ou doutorado. É importante salientar que a Secretária de Educação de Caucaia oferece formação contínua para seus profissionais, visando o aprimoramento de suas qualificações.

Com relação ao tempo de atuação em Educação Infantil, cerca de trinta por cento (30%) dos questionários respondidos apontam que os professores têm até três anos de atuação e, se a análise dos dados se expandir até seis anos de atuação, esse valor é de cinquenta e seis por cento (56%).

Acerca do tempo de atuação e da qualificação, a aplicação dos questionários obteve como resposta que a grande maioria dos profissionais que participaram da pesquisa tinha, no máximo, seis anos de atuação na educação infantil e que já possuíam nível de especialização em alguma área, revelando que tais professores já possuem certa experiência e qualificação. A pesquisa, porém, não obteve resposta sobre a área de especialização em que eles se formaram.

O fato de que os profissionais estejam atuando na Educação Infantil carrega consigo a responsabilidade e a necessidade de que seus conhecimentos a respeito do que é importante para o desenvolvimento das crianças sejam aprimorados. Um desses conhecimentos

é o de como melhor utilizar o espaço físico disponível nas escolas para possibilitar um melhor desenvolvimento da criança.

Com relação à existência de espaços específicos presentes nas escolas, foi perguntado se elas dispunham de biblioteca, quadra de esportes, pátio, sala de informática, parquinho, horta, refeitório e foi permitido aos professores citar outros espaços que considerassem importantes.

Somente dois questionários indicaram outros espaços, além dos previamente listados. Foram eles: brinquedoteca e, em outro questionário, sala de brinquedo e sala de vídeo. As análises das respostas de tais dados apontam que, dos itens listados para a apreciação dos professores, somente a biblioteca foi indicada como presente na maioria das escolas (cinquenta e três por cento (53%) dos questionários). Assim, a biblioteca figura como um espaço comumente disponível, ao qual se deve vislumbrar não apenas a presença, mas a forma de uso desse espaço, pois, conforme se viu na observação já descrita, a existência de espaços diversos não implica, necessariamente, em seu uso pelos profissionais.

Os demais itens listados foram apontados como ausentes na maioria dos questionários. Segundo as respostas, sessenta por cento das escolas (60%) não têm quadra de esportes; cinquenta e cinco por cento (55%) não possuem pátio de atividades; setenta por cento (70%) não possuem sala de informática; sessenta por cento (60%) não possuem parquinho; e quase a totalidade dos questionários indicam não possuir horta (97%) ou refeitório (82%) nas escolas. Esses dados fazem pensar sobre a precariedade de algumas instituições de ensino em promover espaços múltiplos para suas atividades, sobretudo no tocante à Educação Infantil. A presença de espaços não garante seu uso, mas sua ausência impede, de forma absoluta, tais usos.

Os dados obtidos da aplicação dos questionários, sobre a existência ou não de espaços específicos para atividades da Educação Infantil, indicam que trinta e sete por cento (37%) dos professores assinalaram que sim e sessenta e três por cento (63%) informam que tais espaços não existem.

Chama a atenção o fato de que a maioria dos professores indica que não existem espaços específicos para a Educação Infantil e que a grande maioria das escolas não possui quadra, pátio, parquinho, horta e refeitório, espaços que seriam importantes para os momentos de interação e contato com outros ambientes, o que é imprescindível ao desenvolvimento intelectual e motor das crianças, conforme preconiza o sociointeracionismo.

Além da presença ou ausência desses espaços, foi investigado com qual frequência semanal eles são utilizados pelas turmas de Infantil V. Nas escolas que possuem biblioteca, a

média apontou para uma utilização de uma vez por semana, sendo que trinta por cento (30%) dos questionários indicam que nunca se utiliza esse espaço.

Com relação à quadra de esportes, que também é utilizada na média de uma vez por semana, os questionários apresentam que quarenta e quatro por cento (44%) nunca utilizam o espaço e que onze por cento (11%) o utilizam todos os dias. Esse dado é revelador do uso desses espaços, que, já precários em termos de variedade, são subutilizados pelos professores, que concentram suas atividades extra-sala em apenas um dia da semana.

O pátio e o parquinho têm a mesma média de utilização, ou seja, três vezes por semana, sendo que os valores percentuais de resposta de utilização todos os dias também são muito semelhantes para esses espaços, pois o pátio tem quarenta e quatro por cento (44%) e o parquinho tem quarenta e três por cento (43%). Com relação aos percentuais de quem nunca utiliza esses espaços, seis por cento (6%) indica o pátio e quatorze por cento (14%) o parquinho.

Para os casos da sala de informática, do jardim e da horta, noventa por cento (90%) dos questionários responderam que nunca utilizam a sala de informática, enquanto que para o caso do jardim e da horta esse percentual é de setenta por cento (70%).

Os questionários que indicaram outros espaços para desenvolver atividades com as crianças, a média de utilização de tais espaços é de duas vezes por semana, que são: brinquedoteca e sala de vídeo.

Um apanhado geral desses dados indica que existem casos de espaços que podem ser considerados raros na realidade apontada, como o caso da quadra de esportes, do pátio e do parquinho, pois menos da metade dos questionários aponta a presença desses espaços. Apesar dessa raridade, nas escolas onde tais espaços estão disponíveis, eles, por vezes, não são utilizados pelas turmas de Infantil V, pois há professores que nunca utilizam tais espaços.

Como menciona Forneiro (1998), o espaço escolar é um ambiente de interação e precisa ser compartilhado e compreendido com essa finalidade, no intuito de proporcionar oportunidades de vivências mais adequadas ao desenvolvimento da criança. A análise dos dados descritivos da forma de utilização dos espaços fora da sala ajuda a entender que, para o caso da quadra, ela serve, na maioria das vezes, para sediar festas em datas comemorativas, quando são cantados os Hinos do Brasil e de Caucaia, conforme foi indicado em algumas respostas.

Percebe-se que esses espaços poderiam ser melhor utilizados, com atividades planejadas e que pudessem colocar as crianças em um ambiente mais estimulante, permitindo a

elas vivenciá-los de forma mais plena e observá-los com mais detalhes, servindo como “pontos positivos” do processo de desenvolvimento da aprendizagem.

As respostas dos questionários apontam que os espaços fora da sala também são utilizados para os momentos de acolhida, para brincadeiras diversas (de roda, brincadeiras livres, pular corda, amarelinha, correr etc.), para jogos (futebol e pega-pega) e para atividades motoras em geral. Essas atividades são interessantes para o desenvolvimento das crianças e uma forma de aproveitar bem o espaço.

Ainda com relação à análise da frequência de uso dos espaços, chama a atenção que a sala é um espaço utilizado todos os dias por todos os profissionais, assim como o refeitório, nas escolas onde esse espaço é disponível. Pelas respostas, pode-se inferir que o refeitório é usado diariamente somente como o local onde as crianças se alimentam, não servindo como mais um espaço para desenvolver atividades mais ricas.

Com relação às características da sala de atividades, a maioria dos profissionais respondeu que essas se apresentam como grandes, bem iluminadas e com boa higienização. Os dados indicam, porém, que as salas têm uma temperatura inadequada, sendo mal mobiliadas e consideradas desconfortáveis. Assim, esses dados chamam a atenção para o que Forneiro (1998) fala sobre os “elementos estruturais” que podem influenciar na organização de uma sala, como tamanho da sala, estrutura do prédio etc., e a mobília. São pontos importantes que podem influenciar no desenvolvimento do trabalho do professor e devem ser percebidos como pontos importantes no processo de organização do espaço das escolas.

Desse fato, pode-se concluir que a atividade desenvolvida em tais salas, que foram consideradas quentes, desconfortáveis e mal mobiliadas, poderia ser mais apropriada para o desenvolvimento das crianças se essas falhas fossem corrigidas. Os profissionais apontam, por outro lado, que as salas são grandes, fato que possibilita um potencial para criar ambientes variados e que seriam melhor aproveitados no trabalho junto às crianças.

Com relação ao uso da sala, cabe apontar a percepção das respostas obtidas na questão aberta acerca das atividades que nela são desenvolvidas. A grande maioria das respostas aponta que são atividades de escritas em caderno e em livros. Observou-se que os profissionais dão importância às atividades que já vêm prontas, em cadernos de atividades e livros didáticos, e que não são atividades que partem das vivências das crianças e de suas realidades. Esse aspecto é preocupante, sobretudo quando se retoma a reflexão de Zalbalza (1998), segundo a qual o professor de Educação Infantil não deve ficar “limitado somente ao currículo e sim proporcionar um aprendizado estimulante e que proporcione o desenvolvimento da autonomia das crianças”.

A pesquisa também indicou uma redução da sala a um espaço onde as crianças ficam mais tempo sentadas, o que minimiza o potencial de utilização do espaço que a sala oferece. Nas respostas dos professores apareciam, também, outras atividades, como dança, brincadeiras livres, contação de história, jogos etc., as quais são atividades que utilizam melhor o potencial de aproveitamento do espaço que a sala oferece, pois permite interação, contato com outros objetos, dando vida ao espaço da sala e possibilitando uma melhor funcionalidade. Esses são aspectos que podem propiciar um melhor ambiente, com atividades significativas para o aprendizado das crianças.

Outro fato que chama atenção na maioria das respostas a respeito das atividades em sala é que os participantes listaram as atividades de forma sequencial, seguindo o que ocorre no dia a dia nas suas salas, pois muitas das respostas iniciaram com atividades ligadas ao acolhimento (músicas, contação de histórias, leitura do calendário etc.), passaram para as atividades de escrita e leitura e terminaram com aquelas ligadas às brincadeiras. Apontam também atividades como jogos, escuta de músicas, danças, brincadeiras dirigidas, brincadeiras livres, cinema, brincadeira com massa de modelar; atividades de artes, atividades nos cantinhos da beleza e atividades motoras, que, na grande maioria das vezes, foram citadas no final das respostas, indicando que tais atividades ocorrem na fase final dos encontros diários.

Das atividades exercidas no dia-a-dia, percebem-se aquelas que são propícias ao movimento corporal das crianças e ao uso de sua imaginação, através da brincadeira e das suas interações, tanto com o espaço quanto com os objetos, o que é importante para as crianças nessa fase de desenvolvimento,

Outro ponto que a pesquisa buscou analisar foi com respeito à presença da organização do espaço no planejamento dos profissionais. A maioria dos questionários (85%) apontou que sim, os profissionais incorporam a organização do espaço no planejamento de suas atividades. O que chama a atenção nesse percentual é que quinze por cento (15%) dos questionários apontaram para nenhum planejamento do uso dos espaços por parte dos profissionais.

Há, ainda, que se refletir sobre a qualidade desse planejamento, pois a observação realizada percebeu que o profissional incorporava a organização como o simples fato de se decorar a sala, mantê-la higienizada, com mesas e cadeiras nos “seus lugares”, que são ações de planejamento funcional da sala.

Além das atividades de sua manutenção funcional, deveria haver um planejamento didático do uso sala, pois, como cita Forneiro (1998), todo e qualquer elemento disposto no

espaço passa a ser um potencial estimulador para o processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Um outro item do questionário diz respeito à participação das crianças na organização dos espaços onde as atividades acontecem. A grande maioria dos profissionais, noventa por cento (90%), respondeu que sim, as crianças costumam participar dessa organização. A análise das respostas mostra que a forma dessa participação, contudo, volta-se para a organização dos materiais utilizados pelas crianças, a limpeza do ambiente, a guarda de livros e cadernos, ao ato de colocar cadeiras no lugar.

Assim, os profissionais subutilizam as melhores oportunidades de planejamento e organização desses espaços juntamente com as crianças, pois poderiam ser criados ambientes ricos, organizados através de materiais confeccionados com as crianças e pensados para as necessidades delas, para estimular cada vez mais seu aprendizado e proporcionar mais elementos para o desenvolvimento.

O último item do questionário convidava os professores a compartilhar como gostariam que fosse o espaço físico da Educação Infantil, no qual eles desenvolvem as atividades com as crianças de cinco anos. Os profissionais não se restringiram ao espaço da sala, a qual eles gostariam que fosse mais ventilada, confortável e mobiliada; citando, também, todos os outros espaços que poderiam ser utilizados para desenvolver suas atividades, indicando que deveria haver sala de informática, quadra de esportes, jardim, parquinho, refeitório, banheiros apropriados, espaços amplos com acesso à natureza e ao campo de futebol. Chamou a atenção um questionário que apontou falta de recursos básicos, como água tratada para beber e encanada para permitir a limpeza das crianças.

Tais respostas indicam que os profissionais estão atentos para uma requalificação dos espaços, buscando um melhor conforto para o exercício de suas atividades com as crianças.

É possível fazer um contraponto entre as respostas dos professores, nos questionários, acerca de como deveria ser o espaço físico da educação infantil para o desenvolvimento de suas atividades e a observação ocorrida na sala de Infantil V. A maioria dos profissionais não dispõe de espaços que poderiam ser úteis aos trabalhos com as crianças, ao passo que a profissional observada dispunha de um amplo e variado espaço que, no entanto, durante o período da observação, não foram utilizados nenhuma vez. Esse contraponto chama a atenção para que além de espaços apropriados e disponíveis para atividade é indispensável a qualificação dos profissionais para poder percebê-los e melhor utilizá-los, a fim de possibilitar um melhor desenvolvimento integral para as crianças.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da percepção de que a organização do espaço na Educação Infantil é um fator merecedor de atenção e a compreensão de que melhorar a forma de seu uso pode auxiliar os professores nas atividades desenvolvidas com as crianças, partindo do entendimento que esse espaço torna-se um lugar que promove a interação, estimula a criatividade como um elemento ativo e é um forte aliado no processo de desenvolvimento delas, foi desenvolvido este trabalho, que visa perceber qual a realidade vivenciada pelos professores da Educação Infantil do município de Caucaia, quanto ao uso dos espaços disponíveis, bem como a forma como esses espaços físicos estariam sendo utilizados.

Vislumbrou-se verificar de que forma e com qual frequência os profissionais de várias regiões de Caucaia utilizam e percebem o espaço físico da Educação Infantil. Buscou-se observar as práticas e ações dos profissionais com relação ao uso do espaço físico da pré-escola. Compreendendo uma trajetória de informações e dados acerca de como é organizado o espaço físico da Educação Infantil e como os professores organizam suas salas, de forma a identificar se existe a participação das crianças, se os professores utilizam outros espaços e se existe a compreensão de se criar ambientes propícios para o aprendizado e desenvolvimento das crianças.

Para atingir esses objetivos foi realizado um levantamento bibliográfico de trabalhos que tratam do assunto, desde o desenvolvimento da criança e da infância até sobre a utilização do espaço na Educação Infantil. Destacaram-se as obras ligadas ao sociointeracionismo e de autores como Horn (2004), Zabalza (1998), Forneiro (1998), Barbosa (2006), Kuhlmann Jr. (1998), dentre outros.

Foi realizada, também, uma pesquisa de campo em dois momentos diferentes, que auxiliaram na construção dessa pesquisa. Dos recursos utilizados, um foi a aplicação de um questionário e outro a observação por dez dias numa sala de Infantil V, a fim de se perceber como esse espaço estava sendo utilizado.

A aplicação do questionário serviu para ampliar a percepção de como as professoras do Infantil V utilizavam os espaços e quais espaços a educação infantil possui e produziu resultados muito interessantes para a pesquisa. A pesquisa aponta, por exemplo, que a maioria das profissionais que dela participaram consideram as salas em que trabalham como grandes e bem iluminadas, contudo desconfortáveis e mal mobiliadas.

Outro dado revelador da pesquisa é que a maioria das escolas em que tais profissionais atuavam, não possuía espaços como quadra, pátio, horta, refeitório ou parquinho. A falta desses espaços é um fator que dificulta a atuação na Educação Infantil, pois tais espaços seriam locais importantes para enriquecer as atividades e os momentos de interação com as crianças.

Contudo, percebeu-se, em algumas escolas que possuíam espaços como horta, sala de informática ou biblioteca, que tais espaços raramente eram utilizados pela turma do Infantil V. Alguns espaços, como o pátio e o parquinho, que seriam imprescindíveis para as interações entre as crianças e que proporcionariam momentos de novas descobertas, foram citados, em alguns questionários, como nunca utilizados. A boa utilização de espaços seria um recurso a ser utilizado pelos professores da Educação Infantil em seus planejamentos que possibilitaria, através da interação e das descobertas autônomas, o melhor desenvolvimento das crianças.

A pesquisa contou, além da aplicação do questionário, de uma observação das atividades de uma profissional do Infantil V. Durante tal observação, foi possível perceber que a grande maioria das atividades acontecia na sala através de atividades escritas em que as crianças ficavam mais tempo sentadas, apesar da escola infantil oferecer uma grande diversidade de espaços.

Tal observação não pode ser generalizada para todo o município de Caucaia, mas aponta para uma realidade que merece atenção, pois se tal realidade estiver presente em outras salas de Infantil V, indica que há uma preocupação maior com atividades que valorizam o trabalho individual das crianças, deixando de lado atividades em que as crianças poderiam trabalhar em grupos, com propostas mais desafiadoras e estimulantes, que pudessem utilizar melhor os espaços disponíveis.

Na vivência realizada na escola em que a profissional dispunha de vários espaços que lhe proporcionaria a criação de ambientes diversos para o trabalho com as crianças, ela não percebia estes espaços como recursos de aprendizagem, não proporcionava às crianças explorá-los, existindo um controle muito grande sobre as ações das crianças. A grande maioria das atividades era extraída de livros e cadernos.

Os aspectos observados na pesquisa indicam uma lacuna entre a existência de espaços que poderiam ser utilizados em atividades com as crianças e seu uso efetivo. Esse fato denota a importância de um trabalho direcionado aos profissionais de Educação Infantil, no sentido de perceberem a relevância do uso do espaço, sua inclusão no planejamento e, sobretudo, seu uso diversificado, aproveitando as múltiplas funções que um espaço organizado e pensado para as crianças pode proporcionar.

O espaço físico da Educação Infantil não pode ser tratado como um fator disciplinador, que limita as ações das crianças, e sim como algo que semeia o aprendizado, que permite a interação das crianças entre os espaços que estão ali a sua volta e que poderiam ser vivenciados pelas crianças com alegria. Deve ser um espaço que possibilite a participação da criança, como uma interlocutora, ou seja, dando voz e vez para a criança manifestar suas emoções, curiosidades, desejos, bem como possa movimentar-se num espaço rico de oportunidades e desafios.

Enfim, a pesquisa aponta para a importância de se pensar o espaço como um elemento fundamental no processo de aprendizagem integral da criança. É uma caminhada longa, cheia de desafios, que exige muita determinação, estudos para adquirir uma boa fundamentação teórica e muito compromisso e respeito pela criança, bem como para suas necessidades. Logo, demanda um processo de formação dos profissionais de Educação Infantil quanto aos aspectos aqui abordados, permitindo-lhes lidar com o espaço como um aliado importante no desenvolvimento da criança. Além disso, demanda a existência de espaços adequados para o trabalho com a criança, com ambientes amplos, iluminados, arejados e mobiliados adequadamente. Demanda, ainda, um outro olhar sobre a forma de lidar com a criança, estimulando sua criatividade, sua autonomia e rompendo com práticas marcadas pela disciplina excessiva.

Dessa forma, é necessário buscar melhores informações que incentivem ou despertem os profissionais a adotar novos procedimentos e práticas pedagógicas, através de um aprofundamento teórico que possibilite conhecer melhor o que é a Educação Infantil, compreender a concepção de criança, suas necessidades, o que é importante para seu desenvolvimento e autonomia. Importa, ainda, conhecer de que maneira abordar as atividades e elaborar planejamentos mais ricos e diversificados. Sobretudo, em vista do foco do presente estudo, é importante perceber o espaço físico da Educação Infantil como um forte aliado para desenvolver as atividades de maneira mais atraente e prazerosa, que possibilitem um aprendizado mais significativo para as crianças.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. Semeando o trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 54.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. Organização do Espaço e do Tempo na Educação Infantil. *In*: BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Cap. 6, p. 89.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. 35. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2012. 454 p. (Série textos básicos, n. 67).

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. 7. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2010a. 225 p. (Série legislação, n. 25).

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2010b. 60 p. (Série Legislação, n. 39).

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa mais educação**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16690&Itemid=1113>. Acesso em: 20 dez. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, DF, 2010c. 36 p.

CARVALHO, Mara; RUBIANO, Márcia. Organização do espaço em instituições pré-escolares. *In*: OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 116.

CASSIMIRO, Maria Aparecida d'Ávila. **Espaços na educação infantil no campo na lente das crianças**. Salvador: UESBA, 2012.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Orientações curriculares para a Educação Infantil**. Fortaleza, 2011. 144 p.

FELIPE, Jane. O desenvolvimento infantil na perspectiva sociointeracionista: Piaget, Vygotsky, Wallon. *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 27.

FORNEIRO, Iglesias Lina A Organização dos espaços na Educação Infantil. *In*: ZABALZA, Miguel. A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 241.

GALVÃO, Izabel. **Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 15.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIMA, M.S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989. 104 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Lucia de A. Educação infantil e o sociointeracionismo *In*: OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de (Org.). **Educação infantil: muitos olhares**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARTINS, Rita de Cássia. **A organização do espaço na educação infantil: o que contam as crianças?** Curitiba: UFPR, 2010.

MOTTA, Sandra Cristina de Carvalho. **O lugar do espaço na educação infantil**. Petrópolis: UCP, 2012.

MOURA, Margarida Custódio. **Organização do espaço: contribuições para uma educação infantil de qualidade**. Brasília, DF: UnB, 2009.

OLIVEIRA, Zilma M. Ramos de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DO CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais do ...** Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16110&Itemid=936>. Acesso em: 20 jan. 2015

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Tradução Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24. ed. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. *In*: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto (Coord.). **As crianças: contexto e identidades**. Braga: Universidade do Minho. Centro de estudos da Criança, 1997. p. 40.

POL, Enric; MORALES, M. El espacio escolar, um problema interdisciplinar. **Cuadernos de Pedagogia**, Barcelona, n. 86, p. 5-12, 1982.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUSSI, Dorcas. **O espaço e o currículo:** conexões e diálogos sobre as práticas pedagógicas no cotidiano da educação infantil. Santa Maria: UFSM, 2011.

VIEIRA, Eliza Reverso. **A Reorganização do espaço da sala de educação infantil:** uma experiência à luz da teoria histórico-cultural. Marília: UNSP, 2009.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e pedagogia).

ZABALZA, Miguel. A. **Qualidade em educação infantil.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ESPAÇOS	FREQUÊNCIA				Nunca utiliza
	Todos os dias	3 x por semana	2 x por semana	1 vez por semana	
Sala					
Biblioteca					
Quadra de Esportes					
Pátio de atividades					
Sala de informática					
Parquinho					
Jardim					
Horta					
Refeitório					
Outro – citar:					

5. No seu planejamento está presente a organização do espaço?

a. () Sim b. () Não

6. Que atividades você costuma realizar nos seguintes espaços?

Dentro da Sala:

Fora da Sala:

7. As crianças costumam participar da organização do espaço onde as atividades acontecem?

a. () Sim b. () Não

Se Sim, como é essa participação?

8. Como você gostaria que fosse o espaço físico da sua escola?

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE REVISÃO

Eu PEDRO MANOEL LIMA DE ARAUJO, RG no 93002010232 SSP CE, graduado em Letras, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), com habilitação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, declaro, para os devidos fins, ter realizado a correção ortográfica e gramatical bem como a formatação, de acordo com o Guia de Normatização de Trabalhos Acadêmicos da Universidade Federal do Ceará (UFC), da monografia intitulada: “ESPAÇO SIGNIFICATIVO PARA O APRENDIZADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL: A FORMA DE UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DAS ESCOLAS PELOS PROFESSORES DA PRÉ-ESCOLA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA/CE”, de autoria de Magna Dávila Costa da Silva, aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização em Educação infantil, oferecido pela Faculdade de Educação /UFC.

Fortaleza, 31 de janeiro de 2015.


Pedro Manoel Lima de Araújo
Telefone: (85) 8947-9390